

RUBENS PAULO SANTOS

**PELOS CAMINHOS QUE ME FORMEI: PESQUISA
AUTOBIOGRÁFICA SOBRE A VIDA NA PERIFERIA DE SÃO PAULO**

UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO

SÃO PAULO

2018

RUBENS PAULO SANTOS

**PELOS CAMINHOS QUE ME FORMEI: PESQUISA
AUTOBIOGRÁFICA SOBRE A VIDA NA PERIFERIA DE SÃO PAULO**

Trabalho Final apresentado ao Programa de Mestrado Profissional Formação de Gestores Educacionais da Universidade Cidade de São Paulo - INICID - como requisito parcial para obtenção do título de Mestre Profissional.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Ecleide Cunico Furlanetto.

Coorientador: da Profa. Dra. Beatris Cristina Possato.

Área da Concentração: Educação.

SÃO PAULO

2018

Sistema de Bibliotecas do Grupo Cruzeiro do Sul Educacional

S237p Santos, Rubens Paulo.
Pelos caminhos que me formei: pesquisa autobiográfica
sobre a vida na periferia de São Paulo. / Rubens Paulo
Santos. São Paulo, 2018.
63 p.

Inclui bibliografia
Dissertação (Mestrado) – Universidade Cidade de São
Paulo - Orientadora: Profa. Dra. Ecleide Cunico Furlanetto.

1. História de vida. 2. Formação de professores. 3.
Autobiografia - Pesquisa. 4. Documentário. I. Furlanetto,
Ecleide Cunico, orient. II. Título.

CDD 371.1

RUBENS PAULO SANTOS

**PELOS CAMINHOS QUE ME FORMEI: PESQUISA
AUTOBIOGRÁFICA SOBRE A VIDA NA PERIFERIA DE SÃO PAULO**

Trabalho Final apresentado ao Programa de Mestrado Profissional Formação de Gestores Educacionais da Universidade Cidade de São Paulo - UNICID - como requisito parcial para obtenção do título de Mestre Profissional, sob Orientação da Profa. Dra. Ecleide Cunico Furlanetto e Coorientação da Profa. Dra. Beatris Cristina Possato.

Profa. Dra. Ecleide Cunico Furlanetto - UNICID (Orientadora)

Profa. Dra. Beatris Cristina Possato - UNICID (Coorientadora)

Profa. Dra. Maria da Conceição Ferrer Botelho Sgadari Passeggi - UNICID
(Banca Examinadora)

Profa. Dra. Marli Eliza Dalmazo Afonso de André - PUCSP (Banca Examinadora)

São Paulo, Junho de 2018.

Dedico à Graça, minha esposa, que afetosamente me apoiou durante o trajeto deste trabalho, se fazendo presente e me motivando nos momentos que eu acreditava não ser possível concluir esse desafio. Com suas palavras me tranquilizou possibilitando alcançar êxito.

Ao Rafael, filho amado, que traz alegria, movimento e faz minha vida mais feliz com sua existência.

À Jessica, minha filha, que nasceu quando eu iniciei esse desafio, todos os dias me sinto agraciado pela sua vida.

AGRADECIMENTOS

A Ecleide, minha orientadora, que me acolheu e incentivou a desenvolver este trabalho de mestrado. Admiro muito o seu compromisso com a educação de qualidade e pela sua humanidade demonstrada comigo e com todos os demais colegas que caminharam comigo durante esse trajeto. Sou muito agradecido pelo apoio, dedicação, compreensão e por confiar que eu seria capaz de concluir esse desafio de produzir um documentário, isso me deu muita força e foi fundamental para eu prosseguir. No começo eu não entendia como minha história poderia ter significado para outras pessoas, mas agora faz todo o sentido. Hoje me tornei outra pessoa, consigo perceber com clareza o meu lugar no “Mundo dos Homens”. Novamente reafirmo minha gratidão.

A Beatris, minha coorientadora, muito obrigado por tudo. Palavras não são capazes de descrever o carinho que tenho por ti; jamais serei capaz de agradecê-la principalmente pelo respeito com a minha história, por me acolher em sua casa e com muita paciência me apoiar para organizar as minhas ideias, por me fazer perceber que eu era capaz de dar um significado para minha trajetória e me acompanhar passo a passo principalmente na etapa final. Sua ajuda foi determinante para eu conseguir concluir esse trabalho. A sua sensibilidade e humanidade me tocou tanto que acalentou o meu coração e enriqueceu o meu discurso como professor. Considero que melhorei como pessoa. Mais uma vez, obrigado, afirmo minha eterna gratidão.

Este trajeto foi construído com ajuda de pessoas que nunca tiveram a oportunidade de conhecer o mundo acadêmico.

À minha mãe (*in memoriam*), que foi um exemplo de mulher de fé e luta, até hoje o seu legado me dá forças para seguir.

À minha querida irmã Lisandra, a quem eu admiro pela sua fé e coragem, você contribuiu bastante com palavras de incentivo, orações e me dando depoimentos para enriquecer o meu trabalho.

À minha querida irmã caçula Ana Paula, que tenho muita estima e que colaborou me incentivando com palavras e com depoimentos durante as entrevistas.

À minha querida sobrinha Juliana, que tenho muito carinho e que colaborou com depoimentos relevantes.

Aos meus tios Francisco Celestino e José Celestino, a quem eu considero como meus pais, sempre estiveram presentes na minha trajetória desde o meu nascimento e

continuam até hoje. Sou grato por suas contribuições ao prestar depoimentos recordando algumas partes da minha história.

À minha sogra Alaíde, que cooperou comigo ao gravar imagens do sertão de Pernambuco para eu inserir na edição do trabalho.

Ao meu amigo Joel Cardoso, que se dispôs e repartiu um pouco da sua arte e inspiração construindo poesias com as minhas modestas rimas na música tema do trabalho e ainda interpretando com sua sensibilidade outras musicas deste produto. O seu cuidado comigo durante a minha história me faz sentir pertencente a uma comunidade. Ubuntu, parceiro!

Ao meu amigo Ronaldo de Oliveira, que me brindou com sua arte ao estruturar os arranjos orquestrais de forma brilhante, como sempre. Sua parceria foi determinante para eu concluir esse trabalho. Maestro, grato por repartir um pouco da sua sensibilidade transformando como um artesão o meu carvão em verdadeiro diamante. Mostrou sua generosidade ao acolher-me na sua casa por diversas vezes para compor, pensar e repensar possíveis soluções para minha música. Mesmo após a gravação, teve cuidado em acompanhar a masterização e equalização, coisas de mestre mesmo.

A Gabi, minha amiga, que me presenteou com tanta sensibilidade que até hoje ao ouvir a sua interpretação me emociono, a beleza da sua voz que traz a felicidade me encanta sempre.

À amiga Nívea, que contribuiu com sua linda interpretação cantando o que se quer saber de verdade e cedendo o seu esposo Joel Cardoso para me acompanhar em estúdios e encontros para compor. Sua generosidade é um exemplo para mim.

Ao amigo Eder, que executou com maestria os teclados e violões dando vida à execução de músicas do meu trabalho. Obrigado por dispor do seu tempo e paciência comigo.

Ao amigo Caio, parceiro desde os tempos de universidade e que contribuiu dando vida a parte de percussão de músicas deste trabalho.

Ao amigo Marcos Anjos, que foi parceiro em todas as músicas do projeto, fez filmagens no estúdio, além de serviços de gravação e masterização.

Ao amigo Eliel Batista, que foi parceiro ao me dar apoio cedendo equipamentos para captação de vídeo e áudio e ajudando a engajar outros parceiros para operar os equipamentos.

À amiga Luiza Honda, que foi a primeira pessoa que me deu apoio apresentando a linguagem do cinema para eu avançar nesse mundo mágico do audiovisual e me

apoiando com as filmagens em grande parte do trabalho. Obrigado pelo respeito com a minha história, apoio e paciência.

À amiga Victória, que captou parte importante das imagens deste trabalho.

Ao amigo Matheus, que captou parte importante das imagens e áudio deste trabalho, cedendo seu tempo inclusive com viagem para o interior de São Paulo.

À amiga Ayeres, que cooperou para viabilizar a viagem para o interior de São Paulo.

À professora Dr^a. Vanda Mendes Ribeiro, que me acompanhou durante o curso compartilhando reflexões e me provocando para eu amadurecer minhas ideias frente as desigualdades educacionais e sociais. Suas aulas me colocaram em outro lugar frente à educação e ao contexto social mundial. Grato por sua contribuição ao me receber em sua residência para dar seu depoimento, isso valorizou muito meu documentário.

À professora Dr^a. Maria da Conceição Ferrer Botelho Sgadari Passeggi, que compôs a banca examinadora e contribuiu com muita generosidade na ocasião do exame de qualificação e durante os encontros do grupo de pesquisa.

À professora Dr^a. Marli Eliza Dalmazo Afonso de André, que compôs a banca examinadora e agregou generosas e importantes contribuições por ocasião do exame de qualificação.

Aos meus ex-professores Alcides (*in memorian*) e Denísio, por receber-me com alegria para depor sobre minha trajetória musical.

Aos meus alunos e ex-alunos que deram ricas e verdadeiras entrevistas e aos seus pais que autorizaram a sua participação.

À UNICID, que colaborou em parte do meu documentário.

Desde cedo a mãe da gente diz assim: filho por você ser preto você tem que ser duas vezes melhor. Aí passado alguns anos eu pensei: como fazer duas vezes melhor se você está pelo menos cem vezes atrasado? Pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses, por tudo o que aconteceu, duas vezes melhor como? (Mano Brown)

RESUMO

Sou filho da escola pública, originário das classes populares. Fui, durante algum tempo, parte dos índices do fracasso e da evasão escolar do final da década de 1980 e início de 1990, entretanto, escapei das estatísticas dessa época que apontavam que o fracasso escolar atingia (e ainda atinge) grande parte dos indivíduos que pertencem às classes menos favorecidas. Este trabalho aposta na importância da biografização para compreender como os indivíduos traçam seus caminhos, atribuem sentido às suas experiências e dão forma aos seus processos de constituição subjetiva. Nessa perspectiva propõe como objetivo principal: elaborar um documentário que retrate a mobilidade social e trajetória improvável de um professor de música do Ensino Fundamental. Para isso, pauta-se na pesquisa (auto)biográfica descrita, entre outros, por Marie Christine Josso, Gaston Pineau, Maria da Conceição Passeggi. Ao concluir o trabalho, percebo que, ao narrar minha trajetória, me situei não mais como um espectador, mas como autor da minha história. Durante o percurso de construção do documentário, experimentei a escuta sensível e por meio de diferentes diálogos me apropriei da noção de emancipação que se traduz como a capacidade do homem admirar, operar e transformar o mundo, não apenas nele, mas com ele. Esse movimento desencadeou um processo reflexivo que culminou em um processo de autoformação que me faz retornar à escola com mais clareza a respeito de minhas escolhas profissionais e mais comprometido com uma prática libertadora.

Palavras-chave: História de vida. Formação de professores. Pesquisa autobiográfica. Documentário.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
1. TRAÇADO METODOLÓGICO	15
1.1 Contexto da pesquisa	19
2. CONTANDO UMA HISTÓRIA	20
3. PRIMEIRO MOVIMENTO – A INFÂNCIA NA PERIFERIA	22
4. SEGUNDO MOVIMENTO – A FAMÍLIA E A ESCOLA	28
5. TERCEIRO MOVIMENTO – MEU ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO.....	33
6. QUARTO MOVIMENTO – ENCONTRO COM A DOCÊNCIA	39
7. QUINTO MOVIMENTO – REFLEXÕES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA.....	43
8. CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56
DISCOGRAFIA	61
APÊNDICE	62
VÍDEO DOCUMENTÁRIO	63

APRESENTAÇÃO

Sou filho da escola pública, originário das classes populares, conforme descrevem Carraher e Schieman (1983), Rocha (1983), Patto (1991), Lahire (1997) e Freitas (2002). Fui, durante algum tempo, parte dos índices do fracasso e da evasão escolar do final da década de 1980 e início de 1990, entretanto, escapei das estatísticas dessa época que apontavam que o fracasso escolar atingia (e ainda atinge) grande parte dos indivíduos que pertencem às classes menos favorecidas. Vivi na pobreza e senti a desigualdade desde cedo. Isso marcou minha trajetória, mas não foi determinante e me foi possível superar.

Ao entrar na escola, andava pelos corredores sem encontrar sentido na educação, sem consciência do meu papel, aquele lugar não tinha uma relação com o meu mundo. Dessa forma, meu cotidiano era permeado pela melancolia. Sempre estava na escola querendo que o dia acabasse. Estar lá se tornou uma tortura, pois os castigos eram frequentes, as formas de explicar os conteúdos sempre eram as mesmas. A professora explicava a mesma coisa do mesmo jeito, só mudando o tom de voz, às vezes, aos gritos. Como eu poderia ter vontade de estar num ambiente que acentuava a minha condição de vulnerabilidade? Portanto, percorri o caminho que era comum a muitos adolescentes da minha época: a evasão escolar.

No livro *Terra dos Homens*, Saint-Exupery (2016) descreve suas recordações como piloto do correio francês e aproveita suas experiências para dar suas impressões sobre o mundo e as desigualdades sociais na Europa de sua época. Ao relatar uma viagem de trem, na segunda classe, conta que encontrou imigrantes poloneses a caminho do trabalho, na França, empilhados como animais, e se refere à “máquina de entortar homens”, que é uma metáfora das transformações que os indivíduos passam durante sua trajetória, deformando-os na sua individualidade devido às desigualdades e injustiças sociais. Era assim que eu me sentia na escola formal, que era o oposto das minhas expectativas. Eu estava passando pela máquina de entortar meninos, que não promovia oportunidades para as crianças em situação de vulnerabilidade. Dessa forma, eu não encontrava um lugar no mundo dos homens.

Ao me matricular e frequentar uma escola de música dentro de uma comunidade cristã encontrei lugar no “mundo dos homens”, o que não aconteceu na escola formal. Nesse espaço, encontrei educadores não formais que me olharam de uma maneira diferente, sem cobranças de certo ou errado, sem berros ou castigos. Ali era o aprender

por prazer. As soluções nós construíamos juntos, assim a arte se entrelaçava com minha trajetória.

Ao sentir-me capaz, a vida ficou melhor de ser vivida, outras portas se abriram, outros conhecimentos fizeram sentido e assim fui me aproximando do empoderamento¹. As notas musicais pareciam saltar da lousa e vinham ao meu encontro, tudo começou a fazer sentido. Comparo esse momento como uma cortina se abrindo. Aqueles educadores causaram marcas e plantaram uma semente que até hoje reverbera no meu trajeto. Posteriormente, retornei ao ensino formal, com melhor capital cultural, autoestima e esperança, características que me permitiram seguir. Assim, consigo concluir o estudo básico e superior. Dessa forma, iniciei minha trajetória como docente e hoje me encontro na Pós-Graduação.

Considero importante salientar que hoje, de fato, há iniciativas transformadoras nas escolas do país, existem projetos institucionais bem-sucedidos, consistentes e inspiradores. Muitos professores apresentam-se capacitados satisfatoriamente e, por meio da consolidação de políticas públicas educacionais, os avanços são explícitos em muitas escolas. Entretanto, baseado na minha trajetória e na dimensão continental do nosso país, entendo que tais experiências exitosas e políticas públicas educacionais ainda são insuficientes e que se faz necessário evidenciar, dar voz para as escolas bem-sucedidas e ampliar debates para implementações de políticas educacionais que tragam avanços para diminuir as disparidades educacionais e sociais.

Ao cursar a disciplina “Narrativas, formação e pesquisa” do Mestrado Profissional, tive a oportunidade de compartilhar minha trajetória de vida com os demais participantes. A partir dessa experiência, me foi possível refletir sobre meus processos de formação e sobre minha prática docente. Durante esse período, percebi a importância da escrita e do compartilhamento das narrativas nos contextos de formação. Concordo com Josso (2002) quando diz que as narrativas de si e das experiências vividas podem se caracterizar como “processos de formação”. Assim, mediante a escuta das narrativas, foi possível ampliar a concepção de formação e compreender a importância da experiência nos espaços formativos. Descobri que a minha história era a

¹ Ao me referir ao termo empoderamento, reflito baseando-me em Paulo Freire (1996). Embora o autor não use esse termo, penso que o empoderamento seria baseado no sentido transformador, como conquista, avanço e superação do sujeito que realiza por si mesmo ações que o conduzem a evoluir e se fortalecer.

história de muitos e por meio de minha história os professores poderiam conhecer a história de muitos alunos que estão em sala de aula.

No semestre seguinte, cursei a disciplina “Gestão Escolar, Organização Pedagógica e Mediações no Espaço Escolar”, que me ajudou repensar meu papel de mediador na escola e ter maior clareza da importância do professor na trajetória dos alunos. O produto final foi a apresentação de um relato de experiência no formato do livro da vida, baseado na Pedagogia de Freinet. Optei, então, por apresentar meu trabalho em forma de vídeo, para isso utilizei músicas e poesias com intuito de dar sustentação às minhas reflexões. Mediante esse trabalho final, considerando que cursava o Mestrado Profissional, surgiu a ideia de produzir um documentário autobiográfico a partir do meu encontro com a escola na infância e, posteriormente, com a docência, a ser utilizado em processos de formação de profissionais da educação. Esse documentário narra minha trajetória escolar expondo inicialmente as dificuldades que enfrentei ao entrar na escola que me fizeram abandoná-la e, na sequência, apresenta depoimentos de educadores não formais que me impactaram positivamente, e possibilitaram minha reaproximação com a educação formal. Também entrevistei pessoas que fizeram parte da minha história: familiares, ex-alunos e professores do Mestrado Profissional.

Caminhando nessa direção, o objetivo geral deste trabalho consiste em:

- Elaborar um dispositivo de formação em forma de documentário que retrata a história exitosa de um professor de música, sua mobilidade social e sua trajetória improvável.

Como objetivos específicos, propõem-se:

- Escrever uma narrativa autobiográfica;
- Roteirizar essa narrativa;
- Gravar as entrevistas com os diferentes participantes;
- Editar o documentário com as narrativas selecionadas.

Pensei em um dispositivo fílmico que, enquanto um captador do real que é herança do cinema de janela², ao ser exposto, sirva para sensibilizar e gerar reflexões aos professores sobre suas práticas, auxiliando os processos de formação, um produto que mostre a importância da escola promover e possibilitar diferentes oportunidades de aprendizagem para crianças em situação de vulnerabilidade social. Para a construção das narrativas, utilizei as linguagens visuais, musicais e poéticas, que são as formas que me possibilitaram o encontro com a educação. A arte permitiu que a felicidade entrasse em minha vida. Segundo Berkenbrock-Rosito (2014):

A reconstrução da história de cada um traz marcas artísticas. Ao criar e recriar as narrativas, as palavras, tal como no romance, no cinema, no teatro, na plasticidade da pintura, abstratas ou figurativas, tornam-se uma criação entre o ficcional e o não ficcional. Elas têm um efeito estético na beleza dessa escrita e da feitura da imagem (desenho), ao narrar a história que cada um imagina ser a própria, pois o Eu verá a si mesmo na história do outro (BERKENBROCK-ROSITO, 2014, p.163).

Esse percurso de reconstrução da minha história me permitiu rememorar de forma intensa e me apropriar de partes importantes da vida, além de compor um retrato do meu Eu, rompendo o formato linear, ao fazer esse movimento através das marcas artísticas que trago. Como aponta Berkenbrock-Rosito (2014), permiti perceber-me como sujeito que participa da história. Considero que o retomar das experiências em contextos de formação surgem como possibilidade de se reinventar e dar um novo sentido às aprendizagens, o que é fundamental para a formação inicial e continuada.

²(...) “o retângulo da imagem é visto como uma espécie de janela que abre para um universo que existe em si e por si, embora separado do nosso mundo pela superfície da tela.” Cf. XAVIER, Ismail. 2005, p. 22.

1. TRAÇADO METODOLÓGICO

As minhas práticas pedagógicas são as experiências construídas a partir de minhas vivências. Assim, relatá-las me auxilia a reelaborá-las e integrá-las ao meu processo de formação docente. Walter Benjamin (1987), afirma que a experiência é transmitida não pelo contador de história em si, mas através da própria história.

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual (BENJAMIN, 1987, p. 205).

Por isso, creio ser importante continuar a narrar as histórias, para que elas não se percam. Entre as histórias que poderiam ser contadas estão as histórias que narram como os professores escolheram a docência. Nóvoa (1995) afirma que na docência, não se pode separar o “eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão impregnada de valores e ideais, e muito exigentes do ponto de vista do empenhamento e da relação humana” (p. 9)”. Portanto, compreender melhor os inúmeros obstáculos encontrados pelos indivíduos durante o caminho para se tornarem docentes e as táticas por eles utilizadas na tentativa de vencê-los, podem ser de valia para (re)planejar ações futuras. Nesta perspectiva, a recordação e o relato autobiográfico de momentos significativos pessoais e escolares se propõem como um instrumento valioso na formação de professores, possibilitando a produção de conhecimento ao interpretar a própria vida e poder reelaborar alguns aspectos da trajetória profissional e dar novas direções e intenções para a prática docente.

O relato autobiográfico é um instrumento cuja utilização depende sempre do objetivo visado pela pesquisa. [...] Ao pedir aos adultos para percorrer sua trajetória educativa, para dela extrair os elementos formadores, eu solicito uma informação muito pessoal, que eles fornecerão de acordo com o modo que lhes convier (DOMINICE, 1992, p. 75).

Segundo Passeggi, Souza e Vicentini (2011), “as análises sobre escritas de si nos procedimentos de formação ampliam-se no Brasil, a partir dos anos 1990” (p. 370), diversificando a investigação sobre as escritas de si com a intenção de evidenciar um

conjunto de abordagens utilizadas nesses estudos, sobretudo, com o nome de “pesquisa (auto)biográfica”, promovendo o diálogo entre pesquisadores, em contexto nacional e internacional. Essas pesquisas foram abordadas nas edições do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA). Segundo os autores, essa denominação aponta para a um campo de investigação já consolidado em outros países anglo-saxões (Biographical Research), na Alemanha (Biographieforschung) e na França (Recherche Biographique en éducation). Os autores descrevem que a autobiografia não se trata de uma escrita fechada em si, mas, de uma ampliação da investigação das pesquisas e das práticas de formação. Para os autores,

[...] não se trata de encontrar nas escritas de si uma “verdade” preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma à suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante o processo de biografização. Aqui a noção de grafia não se limita à escrita produzida em uma língua natural (oral e escrita), mas amplia a investigação fazendo entrar outras linguagens no horizonte da pesquisa e das práticas de formação: fotobiografias, audiobiografias, videobiografias e abre-se para a infinidade de modalidades na web: blogs, redes, sites para armazenar, difundir e praticar formas de contar, registrar a vida e até mesmo de viver uma vida virtual (Bibble; biographie.com; nègres pour inconnus; biographie.net; Second Life, o Museu da Pessoa...). (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011, p. 371).

A variedade dos enfoques apontados no campo das investigações autobiográficas ressalta a importância de incorporar no campo das pesquisas em educação, práticas formativas que considerem outras linguagens, não em busca de uma verdade absoluta, mas, para analisar como os sujeitos descrevem suas experiências em relação ao que foi vivenciado durante sua história. Por meio do relato de experiências é possível propor reflexões sobre as marcas positivas ou negativas que a convivência na escola deixa nos sujeitos e como estas marcas podem permanecer em suas vidas futuras. Quando o professor entra em contato com sua história, pode tomar consciência de como planejar suas ações. Segundo Furlanetto (2003):

O educador, ao entrar em contato com sua trajetória, está de certa forma buscando, em sua vida, em suas experiências, o que Jung buscava nos sonhos de seus pacientes: tomar consciência do plano que vem permeando suas ações. Ao retomar sua história de vida, percebe que não é um conjunto de ações e de escolhas desconexas, mas, que existe um projeto sendo desenvolvido. Não significa uma volta saudosa ao passado, mas uma apropriação da *vida viva* para dela participar de forma mais consciente (FURLANETTO, 2003, p.48).

O professor, quando retoma sua história, pode compreender e buscar respostas para ações vivenciadas na escola, bem como repensar sua futura atuação em sua prática docente. Deste modo, este trabalho teve início, como foi dito anteriormente, com a escrita de minha trajetória em uma disciplina que discutia as narrativas na formação e na pesquisa em Educação. Essa escrita serviu de base para um vídeo que foi apresentado como trabalho de final de disciplina. Partindo desses dois primeiros produtos, o trabalho foi se concretizando. A primeira escrita foi sendo burilada e se transformou no capítulo 2 deste texto e serviu de base para um cronograma e roteiro utilizados para a produção do vídeo. É importante destacar que esse documentário foi realizado de forma artesanal, pois não contei com colaboração financeira para custear o trabalho.

O documentário, como foi destacado anteriormente, pautou-se na narrativa de vida. Nela foram selecionados alguns personagens que se destacaram, bem como lugares que marcaram minha existência. Esses personagens foram entrevistados, com perguntas abertas, para que fossem narrando os acontecimentos que conectaram nossas vidas e, na maioria das vezes, nos locais em que as histórias aconteceram.

Inicialmente foi necessário estudar como seria possível viabilizar um documentário, pois é uma linguagem sobre a qual não tinha conhecimento, (e ainda não tenho o suficiente). Assim parti em busca de parcerias com amigos que estudam cinema. Dessa forma, fiz um levantamento bibliográfico, selecionei por indicação desses amigos os livros: “*Cinema: primeiro filme*” do autor Carlos Gerbase e “*Rápido, barato e sob controle*” do autor John Gaspard. Concluí que seriam necessárias outras parcerias, sobretudo por eu não ter recursos suficientes para tal produção. Eu estava preparado financeiramente somente para os custos da mensalidade do curso e por ter um prazo que entendi não ser suficiente.

Percebi que eu teria que dirigir o documentário. Não encontrei uma parceria com conhecimento profissional que conseguisse assumir a direção do meu trabalho. Os amigos só puderam ajudar-me com dicas, filmagens, composições e gravações das músicas nos horários vagos e por Skype. Assim, roteirizei o meu texto de forma artesanal.

Desenvolvi o cronograma de gravação e a edição do documentário que está em anexo e um roteiro que fosse claro para eu prosseguir. Defini os sujeitos a entrevistar. Ainda assim, alguns foram surgindo no percurso das gravações. Durante algumas entrevistas de familiares surgiram oportunidades em conseguir outros depoimentos que considerei importantes para a construção da minha narrativa e outros que estavam no

meu planejamento. Precisei eliminar por questões de logística, agenda ou por perceber que não seriam relevantes por se tratar de um trabalho autobiográfico.

Em algumas entrevistas foi preciso remarcar mais de uma vez, às vezes o motivo era técnico, como um defeito em um microfone ou câmera ou imprevistos na agenda de parceiros que captaram vídeo e áudio. As gravações demandaram um preparo prévio e plano de filmagem. Mesmo assim, chegando ao local da filmagem, me deparei com dificuldades, por exemplo: como filmar um imenso pé de manga? Não tinha recursos para contratar um serviço de captar imagens com um drone, assim foi necessário improvisar equipamentos artesanais ou subir em lajes, muros de vizinhos e da residência, para imagens de ambiência.

Para gravar imagens há uma demanda de tempo além do que eu imaginava. Assim, no decurso do trabalho, foi necessário custear a alimentação e o transporte dos parceiros. Algumas vezes, durante as composições, gravações da trilha sonora e músicas do projeto, estive em pizzarias, comendo lanche com os amigos no horário da madrugada que era o momento possível para todos. Entrevistei familiares que moram no interior do Estado de São Paulo, que, devido aos compromissos, a única alternativa possível foi gravar em um único dia. Nessa ocasião fiz o trajeto de automóvel com aproximadamente mil quilômetros, consegui três parceiros para revezar a direção do automóvel e captar imagens e áudio.

Fiz em parceria com amigos a composição da trilha sonora e música tema do trabalho. Assim, me senti mais confiante e menos isolado. Para compor e gravar as músicas do documentário foram necessárias aproximadamente 40 horas em dias distintos. Iniciando a edição de todo material coletado, contratei um profissional especializado e pesquisei imagens e filmagens com conteúdo livre disponíveis na internet para dar suporte as ambiências do trabalho.

Foi necessário estudar a legislação relativa ao uso de imagem para dar suporte ao meu trabalho devido aos direitos autorais. Necessitei reeditar o vídeo por algumas vezes, por não compreender inicialmente com clareza essas questões legais relativas ao uso de músicas e imagens. Por fim, foi necessário eu concluir o vídeo, com apoio cada vez menor de colegas, devido aos prazos se esgotarem. Segui fazendo filmagens de ambiência com meu próprio celular pelas ruas periféricas do bairro onde moro e estudei como se faz a minutagem de um filme.

Para a filmagem, utilizamos celulares e câmeras profissionais, quando possível, pois nem sempre contei com o auxílio de equipe especializada, devido o alto custo desse trabalho. Os vídeos foram editados e musicados resultando no documentário.

1.1. Contexto da pesquisa

O documentário teve como cenário, o bairro onde passei minha infância, no qual está localizada a casa do meu tio e a mangueira que se transformou num símbolo para o meu trabalho. Parte do documentário foi filmada em uma escola na qual trabalho, que serviu de cenário para a realização de algumas entrevistas. Filmei também o ensaio do coral em uma igreja que frequentei e a entrevista realizada com o maestro que me orientou no início de minha trajetória musical. A filmagem também foi realizada em várias residências de familiares, de ex-professores e de pesquisadores que aparecem no vídeo, pois nelas foram realizadas algumas entrevistas.

Colaboraram também nessa pesquisa alguns amigos e parceiros com apoio técnico para a captação dos vídeos, áudios e edição do trabalho. Dentre esses amigos destaco a contribuição generosa da minha amiga Luiza Honda, que me ajudou a organizar as minhas ideias passando para a linguagem do cinema e me incentivando com equipamentos para filmagens, além de me acompanhar em parte das filmagens. Outro destaque importante foi durante a construção da parte fílmica com a captação das imagens pelo Matheus Dória, que fez uma doação do seu trabalho por acreditar ser relevante a minha história de vida. Ainda, o amigo Eliel Batista, que cedeu por diversas ocasiões câmeras profissionais para captar imagens. Mais um parceiro que contribuiu foi o Davi Aquilla, me recebendo no seu escritório de forma emergencial para uma reedição do trabalho inteiro.

Na parte artística contei com a colaboração do amigo Joel Cardoso, Gabriela Garcia, Ronaldo de Oliveira, Eder Santana, Nívea Cardoso, Caio Ferragini e Marcos dos Anjos. Para as entrevistas contei com o depoimento de Francisco Celestino, José Celestino, Lisandra Piloto, Ana Paula, Juliana Santos, Oseas Santos, Yasmim Nascimento, Maria de Lourdes, Denísio Martins, Alcides Araújo, Giovanna Stephanie, Stephanie Rodrigues e Vanda Mendes Ribeiro.

2. CONTANDO UMA HISTÓRIA

Hoje, sempre retorno ao bairro no qual essas experiências aconteceram e rememoro a vida. Chego ao portão e vejo um gigante e impactante pé de manga no meio do terreno do meu tio, que quando criança ele me permitiu plantar. Acho que deu permissão para ocupar-me, pelo menos assim eu não estava na rua. Lembro que achei um caroço de manga no esgoto que passava na frente daquela casa e plantei. A árvore frutificou e hoje se tornou quase um monumento. Um dia perguntei a meu tio o porquê dele não ter cortado a mangueira. Ele disse que não cortava, pois essa árvore representa um memorial para ele. A mangueira cresceu tanto que foi preciso desviar fios de energia. A raiz expandiu muito, saindo da terra, procurando mais espaço. Sempre que vou visitá-lo, vejo aquela imensa mangueira frutífera que se tornou para mim também um memorial. Comparo o desenvolvimento dessa árvore da mesma forma que a docência frutificou na minha trajetória, o quanto cresci e meu contínuo anseio por conhecimento, como raízes procurando expansão. Nessas visitas ao bairro da minha infância, meu tio lembra-se de histórias que ficaram marcadas. Assim, um dia, perguntei sobre meninos que andavam comigo catando papelão e jogando futebol no campo de barro batido. Aqueles eram parceiros da rua na infância. Fui à casa de um deles, quem atendeu foi a mãe. Reconheceu-me rapidamente e disse que não tinha como se esquecer das minhas “artes” de menino. Era mãe de três filhos e me contou que dois estavam mortos. Eles não podem mais contar suas histórias como eu faço aqui. A fala dessa mãe enfatizava, a partir de vários relatos tristes, a questão deles serem negros. As histórias foram tão fortes e verdadeiras que fiz um retorno reflexivo sobre mim mesmo. Esses colegas que brincavam comigo entraram no mundo da marginalidade e dois foram mortos em troca de tiros com a polícia. Somente o mais novo conseguiu se salvar do crime e do tráfico de drogas. A partir dessa narrativa, pude compreender a mim mesmo por meio do outro, me identifiquei não somente como pobre, mas também como negro. Talvez eu tivesse me distanciado tanto da minha origem que perdi a consciência de minhas raízes. Acredito que isso pode acentuar ainda mais a desigualdade e a injustiça.

Segundo o “Mapa da Violência de 2016”, o Brasil é um dos países em que há mais homicídios de jovens no mundo. A maioria desses jovens é da cor negra e das periferias das cidades. Segundo os dados, em 2003 as vítimas de homicídios da raça negra apresentavam um índice de 71,7% de mortes a mais que os brancos, e no ano de 2014 essa proporção pula alarmantemente para 158,9%. A partir do estudo demonstrado

nesse mapa, faz-se necessário estender as análises realizadas e aumentar iniciativas para fomentação de políticas públicas para preservar e diminuir o número de vidas perdidas. Concordo com Louzano (2013) quando aponta as desvantagens de ser negro nessa pátria. Para a autora,

[...] a partir da década de 1980, pesquisadores concluíram que o racismo é compatível com o capitalismo, e que a desigualdade racial tende a prosperar em vez de desaparecer sob esse regime, necessitando, portanto, de políticas capazes de lutar contra essa desigualdade (LOUZANO, 2013, p.114).

Perante a minha história, a dos meus colegas e mediante os índices de homicídios apontados no “Mapa de violência 2016”, bem como as pesquisas de Louzano (2013), é possível perceber o significado e dimensionar a magnitude absurda e surreal das desigualdades sociais, segregação e racismo que essa parcela da população vive. Ser criança, jovem e morador das periferias sempre foi sentir que não havia uma perspectiva de vida, mas sim uma perspectiva de morte. Significou ser visto à margem da sociedade. A escola foi um dos primeiros lugares que fui rejeitado, foi onde os primeiros apelidos racistas surgiram e se multiplicaram durante meu trajeto. Ser jovem pobre e negro foi viver aprisionado dentro de uma comunidade condicionada por uma lógica perversa de segregação. Era o lugar da carência, o lugar da falta. Na verdade, a escola deveria ser um caminho possível para ter a mentalidade que eu era igual, para ocupar outros espaços e ter condições de escolher o que eu queria ser e não estar sujeito a alternativas condicionadas por falta de políticas públicas. Esse seria o verdadeiro acesso à educação de qualidade. As instituições educativas deveriam mostrar que as relações dentro das periferias são boas, diferentemente do que mostra a mídia. Dentro das periferias não há só guerras e tráfico, o que há na realidade são carências de políticas equitativas, que mudem a condição que fomos condicionados pelo colonialismo e a escravidão, transformando a população pobre e negra em objetos, desumanizando-os, empurrando-os para a máquina de entortar homens.

3. PRIMEIRO MOVIMENTO – A INFÂNCIA NA PERIFERIA

No final da década de 1970, o momento não era favorável no meu contexto familiar. Minha mãe, imigrante iletrada, recém-chegada à cidade de São Paulo, vinda do sertão, trazia na bagagem traços rurais tradicionais e inadequados ao Brasil moderno. Veio em busca de trabalho, devido à dificuldade da sobrevivência provocada pela seca no nordeste do país. Uma trajetória muito parecida à grande maioria dos pobres que vivem em meio à desigualdade e sonham com o sucesso nas grandes metrópoles. No entanto, somente conseguem sobreviver e, muitas vezes, suas vidas estão entre o divisor que ultrapassa o marco do tolerável, vivendo “a pobreza indigna, a miséria sintetizada e fome” (SARTI, 2010, p.108).

Minha família, ao chegar a São Paulo, sonhando com a felicidade através do trabalho no moderno mundo urbano, não atingiu as exigências do mercado de trabalho para posições mais qualificadas. Assim, minha mãe conseguiu um emprego para trabalhar como empregada doméstica e meu pai como biscateiro e artesão de madeiras, trabalhos comuns aos pobres urbanos da época. Nossa renda familiar não ultrapassava dois salários mínimos, uma remuneração que não era adequada para sobrevivermos satisfatoriamente. Meus pais tinham muito orgulho de ter um trabalho devido a sua representação, que era mais que um instrumento de sobrevivência material, mas significava condição de autonomia moral, um tipo de afirmação positiva de si próprio, valor muito significativo para os pobres. Acredito por meio do trabalho que demonstram a força de vontade de vencer.

Meu pai sempre apreciou bebida alcoólica, mas o hábito tornou-se vício, por isso perdeu várias oportunidades de trabalho. Os clientes não confiavam mais em seu trabalho e a renda de casa reduzia-se a cada dia. Ele era tímido, homem de poucas palavras, entretanto, quando estava sob efeito do álcool, se tornava comunicativo e violento ao extremo, tanto comigo, como com minhas irmãs e, principalmente, com minha mãe. Recordo as cenas que eram sempre parecidas. Ela chegava do trabalho, preparava algo para comer, coisas simples, arroz e feijão, algumas vezes tinha um ovo frito para acompanhar. Depois que minha mãe, meus irmãos e eu jantávamos, meu pai chegava. Antes de entrar em casa já sabíamos que estava próximo, pois, vinha carregado por algum parceiro do bar ou aos berros, ofendendo minha mãe desde a rua. Eu ficava apavorado, entrava debaixo da cama com medo. Vi por muitas ocasiões ela servindo-lhe um prato de comida e ele jogando o prato ao chão, dizendo: “Mulher, essa comida está

uma porcaria, nem comida você sabe fazer!”. Em uma ocasião, tinha carcaça de frango na panela, para nós era uma delícia, mas quando meu pai chegou e experimentou a comida, disse que estava com gosto de pena de frango e esparramou toda comida pelo chão da cozinha. Às vezes, agredia mamãe, culpando-a por não ter carne no prato ou coisas do tipo. Parecia uma desculpa para mascarar seu fracasso como homem e descarregava essa frustração na violência verbal e física contra minha mãe. No meio dessas cenas horríveis, algumas vezes eu dormia, era uma forma de me desligar, pois não queria ver essa situação. Cada palavra de humilhação, empurrão ou tapa que ele dava nela, eu sentia como se fosse contra mim. Eu e minhas irmãs gritávamos pedindo socorro aos vizinhos. Morávamos em um cortiço,³. Quando a briga era muito feia, uma vizinha nos levava para dormir na sua casa. Por algumas ocasiões pela manhã, ela estava em casa, não comparecia ao trabalho devido aos hematomas. Eu perguntava o porquê dela estar assim e ela me abraçava, fazendo “pituquinhas⁴” e dizia: “Não é nada, meu filho”. Lembro-me do seu olhar sem brilho, vagante, olhando para fora da janela. Era um olhar distante. Consolava-me afirmando que tudo estava bem e dizia: “Seu pai estava um pouco nervoso ontem, por causa do trabalho”. Sempre tinha uma explicação desse tipo pra nós, essas cenas eram cotidianas. Tínhamos uma radiola, sempre que havia conflito entre eles, minha mãe ligava e escutava músicas populares românticas, bregas e xotes, ritmos muito apreciados por todos da nossa família.

No Brasil há uma lei bastante conhecida por tratar de casos de agressão física entre cônjuges, a Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006), essa regulamentação considera como violência não apenas agressões físicas, mas também assédio psicológico e financeiro. Segundo os dados do Portal Brasil (2016), a violência doméstica é motivo de dois terços das acusações de agressões contra a mulher no Brasil, e têm algo em comum: são cometidas por atuais ou ex-companheiros, cônjuges, namorados ou amantes da vítima. Entre os tipos de violência conjugal estão a violência física, psicológica, moral, sexual, patrimonial, entre outras. Segundo o boletim da Central de Atendimento à Mulher, o Ligue 180 da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), de 67.962 relatos de violências, 67,63% ocorreram em um relacionamento heterossexual. Em 41% dos casos, a relação durava há mais de 10 anos, e em 39,34%, a violência é diária. Segundo o site Portal Brasil: “A sociedade ainda não

³ Cortiço é o nome dado no Brasil para uma moradia em que um cômodo é alugado para famílias pobres. É um aglomerado de casas no qual é comum o uso do banheiro comunitário. Geralmente, os cortiços são localizados em regiões de favelas.

⁴ Era uma forma carinhosa que minha mãe nomeou quando fazia carinho no meu cabelo.

está preparada para enfrentar esse tipo de violência, não sendo raro encontrar quem ainda pense se tratar de briga de marido e mulher que não se deve meter a colher. Por isso, muitas mulheres não se sentem apoiadas quando decidem denunciar seus agressores” (PORTAL BRASIL, 2016). A violência contra a mulher tem aumentado a cada ano em nosso país e os filhos são vítimas dessa situação. A escola deveria ter um olhar para a violência doméstica, porém, em nenhum momento de minha trajetória escolar me recorde de que qualquer educador tenha se preocupado com minha condição familiar.

Recordo que em uma ocasião fomos à festa de casamento de uma tia, que foi regada por essas músicas. Durante toda a noite teve rastapé, um baile popular que sempre acontecia (e ainda acontece) nas comemorações de casamento, batizado ou qualquer outra ocasião que nossa família se encontrava. Meu pai não foi a esse casamento e não concordou que ela fosse. Assim, quando chegamos, o encontramos alcoolizado e novamente se repetiram cenas de humilhação e agressões. Nesse dia, depois que ele saiu para beber mais um pouco, a radiola chorou o dia todo com música popular romântica e xote, misturado com rap que os vizinhos ouviam.

*Um sorriso no rosto, um aperto no peito
imposto, imperfeito, tipo encosto, estreito
Banzo, ví tanto por aí.
Pranto, de canto chorando, fazendo os outros rir.
Não esqueci da senhora limpando o chão desses boy cuzão,
tanta humilhação não é vingança, hoje é redenção.
Uma vida de mal me quer, não ví fé,
Profundo ver o peso do mundo nas costas de uma mulher”[...].
(EMICIDA, MÃE, 2015).*

Esses estilos musicais marcaram e influenciaram minha trajetória até hoje. A música popular nordestina e a música urbana hip hop e rap sempre estiveram presentes nos momentos de tristeza e alegria.

Nós mudamos de casa várias vezes, sempre a casa era dentro de algum cortiço, assim havia muita diversidade cultural no meu cotidiano. O gosto musical era muito variado, sempre a música apreciada pelos mais experientes era popular romântica, forró,

brega, e pelos mais jovens era o hip hop e o rap. Dessa forma, desde pequeno ouvi muita variedade sonora. As janelas e portas ficavam umas de frente para outras, quase impossível não ouvir o que o vizinho apreciava. Havia um clima de partilha, um acolhimento entre todos do cortiço, até o cheiro do que o vizinho preparava nas panelas entrava em casa. Recordo de um dia de natal, em que não tínhamos nada para comer, esperávamos meu pai chegar com alguma coisa e ele não apareceu. Então, minha mãe preparou os últimos grãos de arroz que havia no pote e um pouco de tomate temperado com vinagre e sal. Mamãe nos reuniu em volta da mesa, demos as mãos e fizemos uma oração de agradecimento. Naquele natal, foi o alimento possível. Lembro-me da felicidade dos vizinhos, uma miscelânea de aromas e música. Naquele natal só sentimos o cheiro do frango assado dos vizinhos. Nessa noite de natal dormimos cedo.

Meu pai não retornou para casa nessa ocasião, se ausentou novamente em outras e nos abandonou definitivamente logo depois. Tempos depois descobrimos que ele tinha outra família e se ausentou totalmente por muitos anos do nosso convívio. Minha mãe viu escorrer por entre os dedos sua chance de ter alguma coisa na vida por meio do casamento. Para nossa família, além da falta da figura paterna, não dispúnhamos dos elementos básicos para a sobrevivência com dignidade, ultrapassando o limite do moralmente suportável e acentuando a nossa desigualdade. Assim, quem assume a responsabilidade econômica da família é minha mãe, e a ausência dela se tornou frequente, devido à carga de trabalho para sustentar a família.

Nessa fase da minha trajetória, eu tinha oito anos, morávamos em um barraco que um tio de mudança para o interior da cidade nos cedeu. Minha mãe sempre nos orientava a ir para a escola, mas sem ela saber eu catava papelão nas ruas com meus vizinhos. Eram dois meninos um pouco mais velhos e eu tentava juntar dinheiro para comprar rolimãs para fabricar carrinhos de madeiras e brincar na rua. Como não tinha brinquedos, confeccionava alguns deles. Catava papelão até como forma de complemento na renda de casa, mas não gostava! Eu andava pelas ruas e na minha cabeça passava um filme. Fantasiava para sobreviver e pensava que tudo não passava de um sonho. Minha vontade era andar limpo, brincar com as crianças da vizinhança, mas essa era a única alternativa para eu ter algum brinquedo. Além disso, queria trazer algum dinheiro para ajudar minha mãe a comprar pães, macarrão ou até mesmo pescoço de frango.

Um dia, não fui à escola, preferi catar papelão, não tinha o que comer em casa. Pensei que conseguiria trabalhar mesmo com fome. Logo senti muita fraqueza, a

fraqueza da fome! A cabeça doía demais e o corpo ficou estafado! Não conseguia mais prosseguir, cada passo era uma tortura. Finalmente consegui vender os papelões e comi pão com margarina e café com leite. Assim conheci o efeito que o alimento faz no corpo. Após comer, tive energia para continuar o percurso e sentia o corpo leve.

Minha mãe sempre estava preocupada que os filhos tivessem o que comer. Às vezes saía pela manhã para trabalhar antes de nós acordarmos. Minha irmã mais velha que tinha 10 anos ficava responsável pelos irmãos. Ao despertar, por muitas vezes, tinha um bilhete de minha mãe na mesa (ou algo parecido com uma mesa, que na verdade eram pedaços de madeiras ajeitados) dizendo para comermos bem na escola, porque não havia nada em casa. Quando ela chegava pela noite, sempre que podia trazia alguma coisa pra comer, algumas vezes a esperávamos no ponto de ônibus. Quando ela descia, abria um sorriso do tamanho do mundo e nos abraçava. No bairro que ela trabalhava tinha uma fábrica de bolachas, que vendia as quebradas por menos da metade do preço. Eu adorava as de morango e doce de leite. Assim, imagino a agonia e tristeza que tinha, ao nos deixar com fome, e, quando trazia algum alimento, a alegria ao nos ver comer. Nesse sentido, lembra-me do trecho do livro “Quarto de Despejo diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus.

É quatro horas. Eu já fiz o almoço – hoje foi almoço. Tinha arroz, feijão e repolho e linguiça. Quando eu faço quatro pratos penso que sou alguém. Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimento que não está ao alcance do favelado, fico sorrindo atoa. Como se eu estivesse assistindo um espetáculo deslumbrante (JESUS, 1992, p.49).

Minha vida era melancólica, sentia a dor na alma, o vazio de vida. Nessa fase, nós não tínhamos um projeto de vida. O projeto era sobreviver ao próximo dia. Esse cenário me remete à literatura brasileira, em “Vidas secas”, de Graciliano Ramos (1938), que descreve a “carência” do iletrado. Denunciou também o “vazio”, o “oco” do discurso do letrado, instrumento de sua dominação. Ainda me recordo da música “Meninos do Sertão”, que o cantor Zé Ramalho (2000), interpreta apresentando a legitimação da injustiça no sertão do Brasil, que reduz o homem a mero instrumento no jogo de interesses.

*Quando me lembro dos meninos do sertão,
olho pro céu e vejo entre os pardaís,
catando estrelas, desenhando a solidão,*

*ouvindo histórias de fuzís e generais.
Lembrando rezas que aprendi no juazeiro
que um violéiro me ensinou numa canção,
bebendo sonhos, era assim o meu destino,
mais um menino na poeira do sertão. [...].
(Meninos do Sertão, Zé Ramalho, 2000).*

4. SEGUNDO MOVIMENTO – A FAMÍLIA E A ESCOLA

Mediante esse contexto, acontece meu encontro com a escola formal, que foi marcado por experiências diferentes da representação que eu tinha de escola. Uma representação repleta de sentimentos positivos, entre eles destaca-se a esperança de lá aprender coisas importantes, especialmente ler, escrever, brincar e fazer novos amigos. Mas também pairava o sentimento de medo, por ter escutado sobre as repreensões e castigos que algumas professoras aplicavam nos alunos desobedientes ou que não faziam o dever. Ouvia falar de crianças que ficaram de castigo trancados no banheiro por não fazerem a lição. Logo com a experiência cotidiana, confirmei essas expectativas negativas, que foram aumentando durante meus primeiros anos escolares. Como não havia feito educação infantil, minha expectativa era encontrar na escola formal brinquedos, bolas, armarinhos para colocar livros, desenho, giz de cera. Essa ideia de escola me fez ficar ansioso para começar frequentar logo aquele espaço, que era grande: dois andares, quase imponente, comparado a minha moradia. Após os primeiros dias de aula, minha mãe pediu que eu contasse o que havia ocorrido durante esses primeiros contatos com a professora e colegas. Minha fala foi simbólica: “Mãe, lá não tem brinquedos para brincar. Na classe tem muitas cadeiras e a lousa. Tem mesas que servem para colocar cadernos. Quando sentamos nas cadeiras, a professora pede para copiar, aí olho na lousa e copio no caderno. Tenho que ficar sentado o tempo todo. Queria levantar pelo menos um pouco, mas a professora disse que não pode. Tem que ficar sentado até na hora do recreio!”.

Assim, a escola se mostra como uma instituição que se constitui como o espaço onde não pode haver alegria nas relações pessoais, entre todos que fazem parte do processo educativo e, sobretudo, na relação professor-aluno. O silêncio mostra a frieza que é construída nas disciplinas excessivas. A alegria e felicidade são importantes para a criança aprender. Entretanto, essa palavra “felicidade”, mesmo que de forma velada, ainda não é muito aceita pela instituição escolar, é uma espécie de pecado. Paulo Freire, no prefácio do livro “Alunos Felizes”, escreve:

Se o tempo da escola é um tempo de enfado em que educador e educadora e educandos vivem os segundos, os minutos, os quartos de hora à espera de que a monotonia termine a fim de que partam risonhos para vida lá fora, a tristeza da escola termina por deteriorar a *alegria de viver*. É necessária ainda porque viver plenamente a alegria na escola significa mudá-la, significa lutar para incrementar, melhorar, aprofundar a mudança (SNYDERS, 1993, p.9).

Dessa forma, a escola precisa superar a barreira do embate, truculência e da tristeza. Ainda é necessário lutar para que o ensino aproxime o mundo dos alunos com o da escola com alegria e prazer.

Em 2017, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) divulgou um relatório do Pisa⁵ 2015, que é aplicado a cada três anos para jovens em mais de 70 países. Nesse relatório, o foco está no bem-estar dos alunos. O estudo salienta a importância de uma reflexão que garanta a felicidade dos alunos, o instituto ressalta na apresentação do relatório que “as escolas não são apenas lugares onde alunos adquirem habilidades acadêmicas; são também ambientes sociais onde eles podem desenvolver competências sociais e emocionais de que necessitam para serem bem-sucedidos na vida” OCDE (2017). Ou seja, as análises feitas pela instituição mostram que é possível andar em concordância o bom resultado acadêmico e o bem-estar, assim não é necessário sacrificar a felicidade dos alunos.

Ao decorrer das semanas e meses, comecei ter muitas dificuldades para aprender. Não conseguia entender a forma como a lição era ensinada. A professora não ensinava de formas diferentes, com outras metodologias, repetia a mesma informação do mesmo modo, só mudando o tom de voz, às vezes tratando como se fossemos surdos, aos gritos. Eu me sentia diferente de todos naquela sala de aula. Não conseguia aprender com a maneira como a professora ensinava. Não havia ligação com minha realidade, não faziam nenhum sentido aqueles códigos. Como não compreendia nada, comecei a ser indisciplinado na sala de aula, o que levou a professora a aplicar os primeiros castigos. Às vezes ficava em pé atrás da porta, em frente à lousa de costas para os colegas até o final da aula, outras vezes, era encaminhado à diretora para “tomar carão⁶”. Em outras vezes, o castigo era ficar sem o doce que ela trazia para premiar os alunos mais comportados. Esse era o pior castigo, adorava balas e pirulitos! Nesse sentido, Monção (2013) considera que é necessário um olhar cuidadoso com as crianças de forma a “garantir a autonomia da criança e a construção da disciplina autônoma sem autoritarismo ou condicionamento” (p.134-135).

Mesmo constrangido e punido na presença dos colegas, recordo que me sentia culpado quando era castigado, ou seja, o meu castigo era triplicado, pois acontecia

⁵ É uma rede mundial de avaliação de desempenho escolar, realizada a cada três anos. Tem a finalidade de melhorar as políticas e resultados educacionais. É coordenado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

⁶ Tomar carão é uma gíria que significa dar uma bronca ou reclamar de alguém.

perante os colegas, pela escola e pela vida! Para Pierre Bourdieu,(1996), o castigo na escola se constitui como violência simbólica para o aluno, as crianças não estão preparadas para tal constrangimento. Dessa forma iniciaram-se meus primeiros anos escolares, assim, sempre tinha vontade que a aula terminasse. A escola me entristecia muito, sempre ia me rastejando pra aula, um sofrimento para uma criança entre sete e oito anos, a sensação que tinha era que para aprender era necessário sofrer. Hoje, faço alguns questionamentos, que são: para aprender, é preciso sofrer? A sala de aula pode ser um lugar bom, de prazer, felicidade e alegria? Paulo Freire afirma:

A alegria na escola é vivenciada por poucos e parece reservada a pouquíssimos. Eu precisei ler pilhas e pilhas de livros para recolher o sumo de alguns momentos favoráveis. Eu pesquei, diria mesmo que quase implorei por casos de alegria “escolar” nos livros. A imensa maioria dos escritores tem muito em comum com a imensa maioria de alunos ao dizer que não existe alegria na escola. (FREIRE, 1993 apud SNYDERS, 1993, p. 13).

A educação ajuda o homem a pensar, e tem uma missão não só de transmitir conhecimentos, mas também esperança e alegria. Entretanto, quando iniciei na escola, não foi o que eu encontrei.

Nesse encontro com o ensino formal que comecei a perceber que a instituição escolar estava voltada para uma minoria: os que sabiam fazer a lição. Não me sentia como parte integrante do processo educativo. Era uma criança diferente das demais. A escola se posicionava num processo de exclusão, acentuando essa diferença e me tornando um desigual. O jeito de educar era padronizado, de uma única forma. Sentia-me como uma espécie de manequim, mas o formato do meu manequim era outro, pois não cabia! Parece que a escola vivia para si, não considerando quem entrava e saía.

Um dia já desanimado, quando minha mãe chegou do trabalho, eu disse: “Mãe, a escola não é lugar que a gente aprende, parece mais que é onde a gente tem que mostrar que sabe”. Então sensibilizada pelo meu fracasso e por ela não ser alfabetizada o suficiente, pois só sabia assinar o nome com dificuldades e tinha pouca leitura e escrita, pediu a ajuda de uma vizinha, que me deu reforço escolar. Foi minha salvação nos primeiros anos na escola. Por meio dessa vizinha, que tinha muita paciência e até certo afeto comigo, foi que vagamente as letras começaram fazer sentido. No decorrer das semanas, minha mãe perguntou: “Meu filho. Como está nos estudos?” Minha resposta foi: “Minha professora ensina mais coisas do que a vizinha, mas com a vizinha eu aprendo mais”.

A minha família sempre valorizou a escola. Embora minha mãe nunca tenha conseguido participar ativamente da minha vida escolar, devido às dificuldades referentes à carga horária extensa, distância e não possibilidade de ausentar-se do trabalho, sempre houve um desejo dessa participação por parte dela. A escola era vista por minha mãe como meio de acesso a bens materiais e secundariamente culturais. Sempre nos relatava situações difíceis sofridas devido à falta de estudos. Enfatizava as desvantagens por não ter podido estudar e ainda destacava a discriminação vivida pela baixa escolarização. Por isso, se sentia inferior pela falta dos estudos.

Acredito que não é possível afirmar que a escola não pode, nem conseguirá uma revolução social para mudar a sociedade. Entretanto, podemos reconhecer que a escola tem um papel social diferente ao lado de outras instituições, podendo gerar oportunidade de aprendizado para todos, numa relação que só acontece quando é entendida no plural, uma relação de troca e não de imposição. Família, aluno e professor como diferentes e não como desiguais, estabelecendo uma relação de equilíbrio e troca de aprendizado. Há estudos que apontam que a educação tem função de oferecer e formar mesmo que tardiamente determinadas formas de pensamentos e categorias de entendimentos. Assim, diz Bourdieu (2003), quanto mais a escola abandona à família sua tarefa, mais consagra as desigualdades existentes.

Quanto mais a tarefa de transmissão cultural for abandonada pela escola à família tanto mais a ação escolar tenderá a consagrar e legitimar as desigualdades prévias, já que seu rendimento depende da competência – prévia e distribuída de forma desigual – dos indivíduos sobre os quais ela se exerce (BOURDIEU, 2003, p. 107).

Para o enfrentamento dos problemas gerados pela desigualdade, as instituições escolares e seus educadores precisam ter em mente que é necessário romper as fronteiras entre escola-família e ter uma postura não discriminatória. Também não podemos colorir um mundo que não é tão colorido. É necessário conhecer sua realidade, receber instrumentos para atuar sobre ela transformando-a, juntamente com o envolvimento de todos, para uma criança ter saúde, ser educada, livre e feliz.

É importante ressaltar que as famílias e todos os envolvidos no processo educativo se encontram em lados distintos. A escola tem como premissa certificar o domínio de conteúdos relevantes socialmente, já as famílias que geralmente são pouco organizadas, se movem por interesses na defesa dos próprios filhos. Assim, o exercício democrático por meio da participação pode beneficiar a todos. A Lei de Diretrizes e

Bases da Educação Nacional (LDB) no artigo 12, inciso VI, tem estimulado as instituições educacionais a “articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola”. No Artigo 14 da LDB há o estímulo para que exista “participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes” (BRASIL, 1996). Nessa perspectiva, saliento a importância do envolvimento e divisão de responsabilidades educacionais com as famílias.

Hoje, mais do que nunca, educar é um compromisso não apenas da escola, mas uma atitude que deve nortear as ações de todo cidadão comprometido com a construção de um mundo melhor. “É necessário toda uma aldeia para educar uma criança”, diz um provérbio africano. Nesse mesmo sentido Luiz Gonzaga interpreta a canção “ABC do Sertão”, que reconhece a importância das letras como pista para escrever, e também outro olhar, uma escola como espaço de todas as vozes.

*Lá no meu sertão pros caboclo lê,
tem que aprender um outro ABC,
o jota é jí, o éle é lê,
o esse é sí, mas o erre
tem nome de rê,
até o ypsilon lá é pssíllone,
o eme é mê, o ene é nê,
o efe é fê, o gê chama-se gue
, na escola é engraçado ouvir-se tanto “ê”,
A, bê, cê, dê,
fê, guê, lê, mê,
nê, quê, pê, rê,
tê, vê e zê.*

(ABC do Sertão, Luiz Gonzaga, 1988).

5. TERCEIRO MOVIMENTO – MEU ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO FORMAL

Na escola, a comunicação com minha família era feita geralmente por meio de bilhetes, agendas ou convocações. Quase todos os comunicados eram respondidos, mas não era possível o comparecimento na escola, devido à carga de trabalho de minha mãe. Foram raros os episódios que alguém da minha família compareceu à escola para resolver problemas. O conteúdo dos comunicados sempre foi referente à indisciplina e dificuldades de aprendizado. Nesses informes eram nítidos os julgamentos severos com base em princípios nada consistentes e até em algumas ocasiões preconceituosos, relatando questões como aparência e hábitos. Embora me esforçasse muito para cumprir as regras, nem sempre conseguia. Esse meu não enquadramento aos padrões escolares fez com que no decorrer dos anos escolares começasse gerar sentimento de vergonha. Diante desta situação fiquei mais agressivo, acentuando meu afastamento, frente a tal situação. Como descreve Paro (1993), como havia uma depreciação da comunidade e de minha família por parte da escola, para não me sentir diminuído, com meu amor-próprio ferido, procurei o afastamento. “Outros conseguem perceber o preconceito com que são tratados, o que pode contribuir também para afastá-los quando sentem que não há condições de diálogo com a escola.” (Paro, 1993, p.265.).

A escola utilizava mecanismos sutis de exclusão, as exigências feitas pela escola, na maior parte das vezes, só conseguia ser contemplada por parte daquele grupo social. De acordo com Dubet (2008a),

Essas estratégias escolares aprofundam as desigualdades e acentuam a exclusão escolar na medida em que mobilizam, junto aos pais (...) competências muito particulares referentes aos conhecimentos das regras ocultas do sistema. A escola espera que os pais sejam pessoas informadas, capazes de orientar judiciosamente seus filhos e ajudá-los com eficácia nas suas tarefas. Ao mesmo tempo fica claro que essa expectativa é cada vez maior e situa-se cada vez mais cedo. Quanto mais os métodos pedagógicos são “ativos”, mais eles mobilizam os pais, seus recursos culturais e suas competências educativas. (DUBET, 2008a, p.36).

A escola reforça o afastamento de alunos e de suas famílias que não se enquadram nas normatizações escolares, que são construídas por um ideário cultural dominante. “Quando os filhos apresentam problemas de aprendizagem ou comportamento, a pressão na relação com a escola parece aumentar a tal ponto de a desistência ser a reação comum” (RIBEIRO e ANDRADE, 2006, p. 393).

As políticas públicas na área da educação, historicamente, percorrem caminhos ambíguos, pois embora estejam inseridas em uma sociedade democrática que reconhece a igualdade, liberdade, acaba gerando desigualdades ao atender os interesses de grupos que valorizam somente o mérito. Assim, uma maioria fica fora dos processos distributivos. Para Ribeiro (2014), “compreende-se que os interesses sociais de distintos grupos sociais agem na escola, expressam distintos princípios de justiça e são também responsáveis por delimitar os níveis de desigualdades escolares” (RIBEIRO, 2014, p. 28).

É relevante destacar que a instituição escolar não é a única responsável pela exclusão. Afirmar isto, além de arriscado, seria ingênuo, pois estaríamos deixando de considerar questões de ordem econômica, social, cultural que agem diretamente no cenário de injustiça que vivemos. Entretanto, é importante destacarmos seu papel dentro da sociedade, de que forma ela auxilia na reprodução das desigualdades sociais e, principalmente, quais mecanismos ela utiliza para favorecer os já beneficiados economicamente e excluir os grupos desfavorecidos.

Portanto, no meu caso não foi diferente. Até chegar a 5ª série do Ensino Fundamental, eu já havia sido retido algumas vezes, não consegui me enquadrar no ideário que a escola tinha de família e aluno. Entrei nos índices referentes ao fracasso escolar do final da década de 1980 e início dos anos 1990. Embora a educação básica seja um direito previsto na Constituição Federal, as escolas brasileiras dessa época iniciavam o processo de seleção já nas séries iniciais. Aproximadamente 38% dos alunos são reprovados ou evadidos da escola (CUNHA, 1981).

Hoje, as consequências desse processo de retenção da população nas primeiras séries do ensino fundamental adquire contornos muito mais importantes do que a noção de educação para a cidadania. A internacionalização da economia e da tecnologia exige um nível de alfabetização funcional que vai muito além do que desenhar o próprio nome ou ler uma mensagem simples. Tanto do ponto de vista da mão-de-obra como dos consumidores, numa sociedade moderna, vamos precisar de uma competência cognitiva cada vez maior de toda a população (RIBEIRO, 1991, p.19).

O autor reflete que não é possível uma modernização do país sem uma universalização efetiva do ensino básico e diz que “Diante do quadro descrito, nunca chegaremos a ser o último país do primeiro mundo, mas corremos o sério risco de nos tornarmos o primeiro do Quarto Mundo” (RIBEIRO, 1991, p.19).

É salutar considerar que houve um avanço, e o fracasso escolar tinha diminuído consideravelmente nas escolas públicas na época que eu estava no Ensino Fundamental, possibilitando aos alunos das classes populares chegarem a séries mais avançadas, e diminuindo a taxa de distorção idade-série. Segundo dados do Inep, (1999), no período entre 1981 e 1992, houve uma razoável queda das taxas médias de repetência, e a evasão que atingia 33% em 1981, chegou a 5% em 1992. Esta diminuição foi muito significativa, pois, na época, os alunos percorriam em média 11 anos para terminar as oito séries obrigatórias. No entanto, grande parte das crianças e jovens evadia do colégio por pressão para o trabalho precoce, conseguindo vagas de trabalho que não exigiam qualificação especializada.

Mesmo com a melhora nos índices, nessa década, as taxas de promoção e repetência na primeira série do ensino fundamental estavam longe do desejável: apenas 51% do total de alunos eram promovidos e 44% repetentes, fator que estimulava a desistência de muitos.

Em 2016, terminou o prazo dado pela Emenda Constitucional n 59, de 11 de novembro de 2009 para que todas as crianças e jovens de 4 a 17 anos estivessem matriculados na escola. Entretanto, dados referentes ao ano de 2014 evidenciam que não será possível atingir essa meta no prazo. O foco do problema está na faixa etária de 15 a 17 anos, que, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE, existem 1,7 milhão de jovens fora da escola, representando 16% dessa faixa etária. Diante dessas evidências, cabe destacar que houve melhora nas taxas de matrícula que hoje está quase universalizada no ensino básico. Também houve avanços significativos nas taxas de evasão e repetência, de acordo com o Sensus escolar de 2016.

Entretanto, cabe lembrar que mesmo com tais melhoras não podemos desconsiderar a dimensão continental do Brasil e que essas distorções ainda representam um grande número de crianças e jovens que não conseguem concluir os estudos na idade correta, aumentando assim o risco do insucesso escolar.

Assim, fui afetado por esta realidade, onde famílias que não se enquadravam no modelo desejável pela escola eram consideradas as grandes responsáveis pelas desigualdades na escola. Eu andava entristecido, quase me arrastando. Sempre tinha vontade que o dia terminasse, uma revolta tomou conta da minha alma, a violência tomou conta das minhas ações. Parecia que tudo estava errado dia após dia. As condições gerais da minha vida eram desfavoráveis. Nessa mesma época a notícia era que meu pai vivia bem com outra família, enquanto na minha casa, para nos alimentar,

tínhamos que ir ao lixo do Ceasa para trazer restos de alimentos para sobreviver. A única carne que podíamos ter acesso era dos restos de pele de frango de uma granja próxima ao nosso barraco. O sentimento de desprezo aumentava cotidianamente, assim fiquei gradativamente mais agressivo.

Devido meu comportamento violento, os vizinhos diziam aos seus filhos que eu era má influência, assim, as amizades com os colegas ficaram restritas. Mas, na rua me sentia aceito. Lá encontrei meus pares, meninos que eram iguais a mim. Dessa forma, a rua me acolheu. Naquele momento da minha trajetória, a rua era o melhor lugar. Sempre ouvia comentários dentro de casa e até dos vizinhos que eu não dava para os estudos, nesse aspecto ia de mal a pior. Escutava que não tinha jeito e que meu futuro seria o crime. Cheguei ao estágio depressivo, dentro desse contexto, com aproximadamente 11 anos de idade, e me evadi da escola.

Entretanto, em meio a essa eminência do fracasso escolar e social surge uma luz na minha trajetória. Minha família começou a frequentar uma comunidade religiosa, aos poucos me aproximei encantado pela orquestra e coral que era tradicional naquela comunidade. Os ensinamentos religiosos não faziam menor sentido na minha mente, mas a música daquele ambiente causava uma espécie de felicidade, alegria e encontro comigo mesmo. Quando acabava a música, tinha vontade de ir embora, mas aos poucos me acostumei com a liturgia. Assim iniciou-se uma série de acontecimentos que mudaram o rumo da minha trajetória. Meu destino para alguns parecia estar negativamente traçado como uma regra.

No início do ano de 1987, eu tinha 12 anos, meu mundo, que era fonte de tantas decepções, foi lentamente se modificando e atingido por uma série de encontros que se iniciou com a minha entrada em uma escola de música, dentro dessa comunidade que minha mãe nos levava. Ao ser apresentado às notas musicais, logo minha mente se abriu, parecia uma espécie de véu se rasgando na parede, aquelas bolinhas pareciam pular da lousa ao meu encontro, algo mágico. Ali pela primeira vez eu tive chance de encontrar minhas características, aconteceu então uma energia de mudança. Aqueles momentos considero que foram os primeiros para uma vida feliz! Aqueles momentos não queria que acabassem, desejava que durassem a eternidade. A filosofia grega, por meio de Aristóteles, tenta explicar isso como Eudaimonia, ou seja, a felicidade. Para Aristóteles, esse termo significa alcançar a capacidade completa de cada um, assim, a felicidade é o alvo dos indivíduos, tudo o que realizamos tem por objetivo a busca da Eudaimonia.

O que dizemos sobre a perícia política é o que ela visa atingir bem como sobre qual será o mais extremo dos bens susceptíveis de ser obtido pela ação humana. Quanto ao nome desse bem, parece haver acordo entre a maioria dos homens. Tanto a maioria como os mais sofisticados dizem ser a felicidade, porque supõe que ser feliz é o mesmo que viver bem e passar bem. (ARISTÓTELES, 2009, p. 20.)

Foi o primeiro encontro que a educação proporcionava para ter uma vida de felicidade. Quando a pessoa encontra qual é sua aptidão, a vida fica melhor, a pessoa não quer que a vida passe rápido. O filósofo Friedrich Nietzsche (1891), disse na obra “Assim falava Zaratustra”:

“Viva de forma a ter de desejar reviver é o dever, pois, em todo caso, você reviverá! Aquele para quem o esforço é a alegria suprema, que se esforce! Aquele que ama antes de tudo o repouso, que repouse! Aquele que ama antes de tudo se submeter, obedecer e seguir, que obedeça! Mas que saiba para o que dirige sua preferência, e não recue diante de nenhum meio!” (p.441).

Às vezes, me faltava confiança de prosseguir devido à falta de compreensão dos códigos que não aprendi na escola formal. Tinha baixa autoestima e complexo de inferioridade frente aos demais, mas eu queria continuar. Até aquele tempo vivia arrastando-me, fazia tudo com vontade que terminasse logo. Mas ali não queria que acabasse, era bom estar naquele lugar. Eu ainda não conseguia perceber que aquelas descobertas das minhas características seriam frutificadas para se tornarem a árvore da docência e que poderia futuramente, apesar dos percalços, desfrutar de dias melhores. A cada dia me sentia mais parte integrante daquele processo educativo. Os educadores estimulavam que eu mostrasse o que havia aprendido, sem cobrança do certo ou errado. Aquela instituição educativa não fazia juízo de valor entre certo ou errado, antigo ou novo. Era uma construção constante, construíamos soluções juntos. Considero que ali começou um novo tempo em minha história.

*No novo tempo, apesar dos castigos
Estamos crescidos, estamos atentos, estamos mais vivos
Pra nos socorrer, pra nos socorrer, pra nos socorrer
No novo tempo, apesar dos perigos
Da força mais bruta, da noite que assusta,
estamos na luta Pra sobreviver, pra sobreviver, pra sobreviver*

*Pra que nossa esperança seja mais que a vingança
Seja sempre um caminho que se deixa de herança [...]*
(Novo Tempo, Ivan Lins, 1980)

6. QUARTO MOVIMENTO – ENCONTRO COM A DOCÊNCIA

Dessa forma, começou frutificar a árvore da docência na minha trajetória, quando descobri minha aptidão, começou melhorar o meu cotidiano. Considero que assim iniciou o processo de uma vida melhor. A pobreza era a mesma, mas eu tinha um brilho nos olhos! É certo que essa oportunidade de aprender só frutificou devido ao posicionamento dos educadores que me acolheram, não me faziam sentir como um desigual. Sabiam que eu era diferente, mas não desigual. Foi um processo de superação. Esse encontro com outros professores, outro contexto social, trouxe um novo vínculo com a vida, outro processo de significação. Essa interação social me levou ao processo de resiliência, a quantidade e a qualidade positiva dos acontecimentos na minha vida cotidianamente agregava mais potências boas nas minhas ações e escolhas, sentia como alguém estendendo uma mão afetuosa na minha direção. Segundo Boris Cyrulnik, o processo de resiliência acontece quando há o encontro com o outro, por meio de acontecimentos e interações pessoais, institucionais e do contexto social.

[...] Trata-se de um processo, de um conjunto de fenômenos harmonizados em que o sujeito se esgueira para dentro de um contexto afetivo, social e cultural. A resiliência é a arte de navegar nas torrentes. Um trauma empurrou um sujeito em uma direção que ele gostaria de não tomar. Mas, uma vez que caiu numa correnteza que o faz rolar e o carrega para uma cascata de ferimentos, o resiliente deve apelar aos recursos internos impregnados em sua memória, deve brigar para não se deixar arrastar pela inclinação natural dos traumatismos que o fazem navegar aos trambolhões, de golpe em golpe, até o momento em que uma mão estendida lhe ofereça um recurso externo, uma relação afetiva, uma instituição social ou cultural que lhe permita a superação (CYRULNIK, 2004, p. 207).

Esse empoderamento que fui adquirindo veio por uma força interna que dia a dia, de “golpe em golpe”, foi crescendo. Assim, essas “mãos estendidas” na minha direção estabeleceram uma relação de troca de aprendizado, aos poucos atingindo certo equilíbrio. Sempre foi prazeroso estar no mundo das notas e instrumentos musicais. Meu prazer fazia com que apreendesse mais na memória informações devido ao valor gerado na minha vida. Às vezes, a escola formal, como ela se organiza, é incapaz de gerar um valor para as pessoas, mas às vezes por outros caminhos isso é possível.

A música era um conhecimento próximo da minha realidade, não era um valor distante. Eu não me perguntava mais: para que vou aprender isso? Era outra instituição, um lugar que eu frequentava por prazer. A cada dia absorvia mais a linguagem musical, chegando ao ponto de darem oportunidade de atuar como professor auxiliar. Logo meu

desenvolvimento ultrapassou as possibilidades dos meus primeiros mestres, assim me incentivaram a fazer um teste numa instituição Universidade Livre de Música (U.L.M). Fui aprovado no teste, entretanto não tinha condições financeiras para manter a alimentação e recursos para transporte. Meu instrumento era a Tuba Sinfônica. A comunidade me ajudou com o instrumento, mas não foi possível auxílio financeiro para alimentação e transporte. Mesmo assim não me intimidei. Fiz amizade com o motorista do transporte público que permitia passar por baixo da catraca, mesmo com aquela mala para transportar o instrumento enorme, enfrentava semanalmente o trajeto atrás do que me empoderava. Logo me destaquei lá.

Meu novo mestre era um americano que gostava de comer bananas e inhame, sempre repartia comigo o seu lanche e eu adorava, pois diminuía a minha fome. Sempre me motivou e incentivou. Às vezes, em particular dizia que o meu desempenho era igual aos demais, mas tinha um valor maior devido ao meu instrumento ser de qualidade inferior. Mesmo assim consegui ter uma sonoridade igual, às vezes faltava nas aulas porque nesse mesmo período consegui um trabalho eventual para descarregar caminhões, isso ajudava muito em casa. Na semana que descarregava um ou dois caminhões, tínhamos um final de semana com mesa farta, carne, macarrão, salada de maionese e refrigerante, que era coisa rara em nossa mesa. O professor me informou sobre uma audição para a Orquestra Jovem do Estado, pois dizia que seria um candidato com grandes possibilidades de sucesso nesse teste. Fiquei animado, estudei o repertório, estava com grande expectativa para essa oportunidade. Mas na quinzena da minha prova, a empresa para a qual eu fazia serviços eventuais, me chamou para uma entrevista para uma possível efetivação. Fiquei confuso e minha mãe me orientou que eu tivesse um trabalho estável, com um contrato conforme a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Era uma chance de melhores condições financeiras, já que eu tinha evadido do ensino formal, o caminho comum era trabalhar formalmente. Assim, não fui ao teste. No dia do teste estava em cima de uma carreta descarregando 27 toneladas de soda cáustica em sacaria. Até hoje tenho a marca daquele dia no meu ombro. Aquele caminhão veio com muitos sacos avariados, mas tinha que mostrar disposição e vontade, assim, ao término daquele dia, fiquei com uma queimadura no ombro que se tornou permanente. Tenho essa marca dentre outras em meu corpo e na minha mente.

Aonde vou sempre lembro alguns momentos, são esses momentos que me dão força quando fico desanimado e penso em recuar. O princípio de justiça através da educação sempre se afastou poderosamente das minhas possibilidades, por falta de

oportunidades e terreno fértil no mundo injusto dos homens, mas meu corpo sempre gritou: “não desista! É uma alternativa! É uma luz!” Sempre lembro o dia que parte do meu ombro se derretia com o efeito da carga de sacaria de soda cáustica avariada e minhas forças se renovam para ir ao encontro do que me alegra e fortalece.

Mesmo tendo oportunidade de condição igualitária através do mérito por meio de teste na Sinfônica Jovem do Estado de São Paulo, a desigualdade social histórica em nosso país me persegue e tenho que fazer escolhas. Não havia nenhum incentivo ou ação afirmativa do Estado que permitisse fazer escolhas diferentes naquele momento. Tenho certeza de que sou parte do grupo que depende de mecanismos e incentivos governamentais, mesmo que rudimentares raciais ou sociais, que dependem de decisões políticas para decidir qual grupo tem o direito a algum benefício. A desigualdade social que persegue determinados grupos sociais força o cidadão a perder a qualidade humana, parece que veem o ser humano como um monte de barro ou embrulhos que ficam deformados e jogados pelas ruas.

Ainda é pequena a preocupação dos nossos governantes com justiça social para os pobres e excluídos. “Já no século XVII os trabalhadores das manufaturas de tecido, por exemplo, os artesãos, eram objeto de especial atenção por parte dos governantes” (OLIVEIRA, 2015, p. 31), afinal, quem queria produzir um produto em série somente poderia vender para as massas se os próprios trabalhadores pudessem consumir os seus produtos. Entretanto, hoje, em tempos de neoliberalismo essa relação não é estabelecida dessa forma. Com a automação cada vez mais crescente, com a globalização, os empregos passam a não existir e as empresas se preocupam em exportar seus produtos, sem se preocupar com o comércio local e o bem-estar social. Assim, com reformas que são insuficientes, a sensação das massas é que quem toma decisões políticas em nosso país, parece dormir sem que ninguém o desperte. Como já dito anteriormente: “O mistério está nisto: eles terem se tornado esses montes de barro. Por que terrível molde terão passado, por que estranha máquina de entortar homens?” (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 148).

As fontes das desigualdades sociais a cada dia se fortalecem, o sistema neoliberal avança em ritmo exponencial, o objetivo é a busca por maiores lucros, sem se importar com o bem-estar dos trabalhadores e o desenvolvimento social, chegando perversamente ao ponto de decidir quem deve ou não comer. A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO, 2009) reconheceu que “O problema não é tanto a falta de alimentos, mas a falta de vontade política” e que “em 2050, a

população da Terra deverá aumentar 35%, entretanto, hoje não se consegue alimentar os atuais 7,1 bilhões de habitantes do planeta”. Especialistas alertam que será preciso encontrar novas concepções para lidar com o problema. É necessário construir o mundo de outra forma. No documentário “Encontro com Milton Santos, 2006: O mundo global visto do lado de cá”, o autor afirma que, “Nunca na história da humanidade, houve condições técnicas e científicas tão adequadas para construir o mundo da dignidade humana, apenas essas condições foram expropriadas por empresas que decidiram construir um mundo perverso”.

O autor (Santos, 2000), reflete a respeito de uma nova concepção de futuro ao analisar a construção de outra realidade mais justa e mais humana no Brasil. Afirma que os interesses do Estado estão subordinados a um despotismo financeiro. “São o Banco Central e o Ministério da Fazenda, em combinação com instituições financeiras internacionais, que orientam as grandes reformas ora em curso” (SANTOS, 2000, p.105). Santos denuncia o modelo de globalização que funciona como um círculo vicioso, perverso e vigente no mundo, que produz o globalitarismo, que existe para reproduzir a globalização. Faz uma reflexão sobre outra realidade possível, rompendo esse círculo e a construção de outra globalização, mais justa e humana. Uma sociedade inserida em outra lógica, que não seja a do dinheiro que se impõe à vida social, e traga liberdade aos sujeitos e menos desigualdades.

7. QUINTO MOVIMENTO – REFLEXÕES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA

Durante esse período passei por uma metamorfose, várias transformações e significados se agregaram na construção como indivíduo e assim integraram novas dimensões na minha história. Uma das direções novas que transitou por anos foi a tomada de consciência que culminou na migração de instrumento erudito para instrumento popular, inclusive a apreciação pelo rap. Foi uma fase de processos que permitiram consciência crítica e validação social. A constituição dessa consciência me fez ter clareza da desigualdade e injustiça que me perseguia de outro lugar. Foi um deslocamento, uma experiência. O rap encontrou lugar na minha história, percebi que a linguagem popular me aproximava com mais legitimidade do meu contexto, permitia uma percepção significativa para analisar a vida, além de ser um novo desafio. Para Josso (2010):

O processo de formação designa um conjunto de transformações realizadas pelo sujeito tanto sobre si mesmo (naquilo que chamamos de vida interior) e na sua relação consigo mesmo quanto nas interações sociais e em sua relação com o meio ambiente. Essas transformações se fazem num duplo movimento de integração de novas dimensões de abandono de dimensões anteriores (JOSSO, 2010, p. 205).

O rap faz reflexões críticas nas quais os negros e pobres brasileiros, mais especificamente os da periferia de São Paulo, são alvo de exclusão socioeconômica.

*Negro drama, entre o sucesso, e a lama,
Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama,
Negro drama, cabelo crespo, e a pele escura,
A ferida, a chaga, a procura da cura,
Negro drama, tenta vê, e não vê nada,
A não ser uma estrela longe meio ofuscada,
Sente o drama, o preço, a cobrança,
No amor, no ódio, a insana vingança,
Negro drama, eu sei quem trama,
E quem tá comigo, o trauma que eu carrego [...]
(Negro Drama, Racionais Mc`s, 2002).*

O desejo em conhecer e compreender sempre me instigou e continua sendo instigado à minha vida profissional e pessoal. A arte teve papel decisivo em minhas escolhas profissionais, foi a força impulsora para novos significados, assim, decidi retomar o estudo formal visando conseguir melhores oportunidades de trabalho. Paralelamente continuei meus estudos musicais, não conseguia exercer profissionalmente e com exclusividade a música. Continuei lecionando música voluntariamente na comunidade que frequentei e ao mesmo tempo fazia trabalhos esporádicos em cerimônias de casamento, formaturas, bares, gravações em estúdios e aulas particulares.

Trabalhei em um colégio como porteiro durante cinco anos e lá tive a oportunidade e incentivo de concluir o Ensino Médio e em seguida concorrer a bolsa de estudos para um curso superior. Os docentes daquela instituição e até mesmo o mantenedor sempre me flagravam lendo algum livro e me motivavam com outras leituras. Por isso almejava a cada dia tentar aquela bolsa de estudos. Então na prova alcancei a pontuação e fui selecionado; escolhi o caminho da licenciatura em música. A luta era alta, diariamente chegava em casa tarde, dormia poucas horas, nunca pensei em parar, sempre lembrava os tempos piores da trajetória. Colegas do curso que já ministravam aulas como professores substitutos, me motivavam a fazer o mesmo. Eu tinha medo, não me julgava pronto para enfrentar a docência no sistema público. Enfim, fiz inscrição rumo ao processo de atribuição de aulas da rede estadual, dessa forma aconteceu a migração do lado de lá para o lado de cá. Abandonei as dimensões anteriores rumo a novas dimensões.

Iniciei como professor numa comunidade pobre, extremo sul da capital paulista, região com alto índice de violência, baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e carência de saneamento básico. A identificação foi imediata, observava aqueles meninos e meninas, passava como um filme, me via quando menino. O lugar era muito parecido com o bairro que morava na infância. Muitas crianças iam pra escola de chinelos. Nos dias mais frios do ano chegavam à escola sem blusa e de shorts, às vezes com a boca roxa, tremendo os corpos, efeito do frio. Não tinham em casa agasalhos apropriados, alguns frequentavam a escola para comer. Em algumas oportunidades, presenciei uma dura realidade e vi alunos desmaiando na fila que era feita para oração antes de entrar no colégio devido à fome. Muito daquela comunidade tinha ligação comigo, nos olhos de algumas crianças faltava brilho, atrás do sorriso de muitos havia histórias que se encontravam com minha trajetória pessoal. Aquele

primeiro ano foi o reencontro comigo. Naquele período senti necessidade de aprender mais sobre a criança. Passei diversas situações nas quais não sabia como agir, as soluções que geralmente estavam naturalizadas não pareciam adequadas, várias posturas e ações pedagógicas adotadas tradicionalmente naquela comunidade escolar me agrediam. Eu me policiava constantemente, mas, ainda assim, algumas vezes reproduzi as mesmas práticas por não perceber que era possível outro jeito. Nesse tempo me constrangi em conhecer mais, posteriormente cursei Pedagogia.

Sou filho da escola pública! Agora depois de décadas me deparo do outro lado desse contexto escola-aluno-família. Como docente convivo com crianças que reverberam minha infância. Atuar nesse contexto trás experiências diversas e por inúmeras vezes fico perplexo e interrompo meu olhar. Larrosa afirma que, “a experiência é algo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. (LARROSA, 2002, p.21). Experiência, o que é? Para que serve a experiência? A efetiva experiência acontece no silêncio, quando há a interrupção do cotidiano. Para que algo me afete, é preciso parar! Ela nos deixa com cicatrizes boas ou ruins. Pode ser uma lembrança de algo negativo que fizeram comigo, mas também há a hipótese de servir como um memorial de algo bonito do que faço com aquilo que fizeram comigo. Segundo Sartre, “O essencial não é aquilo que se fez do homem, mas sim aquilo que ele fez daquilo que fizeram dele” (SARTRE, 1952).

O ritmo da nossa sociedade moderna global atual é veloz e líquido, essas características fazem com que as mudanças aconteçam muito rapidamente e de forma imprevisível. O sociólogo Polonês Zygmunt Bauman (2001), afirma “Vivemos em tempos líquidos. Nada foi feito para durar” (p. 231). Nessa modernidade líquida, não há tempo para reflexões e percepções do que nos passa, assim, a experiência se torna cada dia mais rara, a sensação é que não se para! O autor Walter Benjamin (1987), faz uma reflexão sobre experiências ao nos apresentar que as experiências têm sido esgotadas no mundo moderno. Dessa forma, a sociedade se afasta de uma das suas maiores riquezas, que é trocar experiências, essa relação que nos ajuda no não esquecimento da nossa cultura.

O ritmo frenético que perpassa a trajetória das pessoas transforma as relações entre as sociedades. O autor mostra por meio das experiências de uma geração de jovens durante os anos de 1914 até 1918, horríveis vivências daquela época devido a 1ª Guerra Mundial, relatando a forma como os combatentes retornavam das trincheiras, pobres em comunicabilidade devido ao sofrimento ocorrido no campo de batalha. Benjamin narra

as experiências do mundo moderno, apontando que as relações entre os indivíduos vêm se empobrecendo. Os sujeitos não têm tempo para trocar experiências, estão passando por um processo de massificação, de modo que estão se tornando objetos com poucas trocas de vivências nas suas trajetórias, vivendo em função do desenvolvimento produtivo, assim, aumentando o poder e privilégios da classe dominante.

Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes, podemos afirmar o oposto: eles devoraram tudo, a “cultura” e os “homens”, e ficaram saciados e exaustos (BENJAMIN, 1987, p.118).

Nesse sentido, a escola precisa refletir afim de possíveis reinvenções nos currículos que contemplem experiências que superem o foco do aprendizado para um mercado, uma escola que prepare o aluno também para a cidadania, sensibilidade e felicidade. Uma construção a partir do querer e fazer dos sujeitos do processo educacional.

No Ensino Fundamental, no Ensino Médio, na Graduação e até o nível *Strictu Sensu*, o tempo é curto. Entretanto, criança tem um tempo de maturidade para apreender informações e se tornar sujeito do processo educativo. Será que a escola respeita esse tempo? Quando o processo educativo não respeita o tempo de cada aluno, há o risco do insucesso escolar. Durante minha trajetória de aluno, encontrei muitas dificuldades. Não me recordo que a escola tivesse formas de fazer pontes entre os conhecimentos. Se houvesse canais diferenciados para uma aproximação comigo e com minha família, o ambiente escolar não seria mais um lugar que sofri durante minha infância. Hoje faço algumas reflexões,,: é possível tornar a escola o lugar de prazer, de sentido para entender o mundo e atividade intelectual? As instituições escolares podem empoderar os alunos fazendo com que se sintam mais fortes e mais inteligentes a partir das suas especificidades? A escola pode ter um ambiente prazeroso e feliz? Paulo Freire (2004) afirma que a alegria é indispensável e precisa ser discutida, quando a opção político-pedagógica é democrática ou progressista, porque a prática educacional não se faz somente com ciência e técnica.

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na

luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista (FREIRE, 2004, p. 120).

Nas instituições escolares o ritmo é tão intenso, as pressões aos docentes para atingir metas de aprendizagens não permite que haja um pensamento de como a escola pode ser desenvolvida. Geralmente não há tempo para pensar nas escolas de hoje ou como promover um ensino que traga consigo a alegria do conhecimento. Dentro de uma realidade em que existem salas superlotadas e professores desmotivados, onde muitas vezes a bagunça e a indisciplina são constantes, a falta de paciência dos professores é comum. Para Snyders:

Professores e alunos vivem em condições realmente lastimáveis, com classes geralmente superlotadas, locais inadequados, cansaço, angústias[...] Portanto, ambas as partes estão essencialmente preocupadas em sobreviver. Podendo se uma vez ou outra, sentir algum prazer, tanto melhor. Mas quantos possuem a força, a audácia de abrir verdadeiras perspectivas à alegria e os meios de alcançá-la? (SNYDERS, 1993, p. 15).

Muitas vezes, devido a esse ritmo frenético, a escola se torna o lugar onde não se ouve as angústias dos alunos. Hoje, professores e alunos precisam de uma escola que pare para escutar, através da interrupção, do silêncio, de diminuir o ritmo para ter possíveis experiências. A sensação que estamos perdendo tempo é muito significativa nas nossas vidas e nos faz refletir o sentido que damos a nossa história.

*Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma
A vida não para
Enquanto o tempo acelera e pede pressa
Eu me recuso faço hora vou na valsa
A vida é tão rara
Enquanto todo mundo espera a cura do mal
E a loucura finge que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência
E o mundo vai girando cada vez mais veloz
A gente espera do mundo e o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência [...]*

(Lenine, Paciência, 1999).

8. CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

A análise das minhas experiências com a escola formal na infância e adolescência e com a docência na vida adulta indicou que muitas das ações e atitudes dos professores que me marcaram de forma negativa ainda se perpetuam nas instituições escolares da atualidade, principalmente naquelas que acolhem os alunos pertencentes das classes populares. Ao voltar para a escola como docente, deparei-me com uma escola que vivia fechada, que não se aproximava do mundo dos alunos.

Uma escola que não consegue perceber que há alunos do Ensino Médio que, às vezes, têm mais saberes sobre como se movimentar em ambientes hostis e como sobreviver com o mínimo de recursos do que os próprios docentes. Esses alunos, no entanto, não conseguem ter a mesma desenvoltura na escola, pois ela se encontra muito distante de suas necessidades e, deste modo, não têm sentido para eles. É salutar que esses jovens sejam despertados, renasçam e tomem consciência do seu papel, mesmo o mais obscuro, dessa forma, poderão encontrar sentido na educação e assim serem felizes. Mas a escola muitas vezes se coloca como uma “máquina de entortar homens”.

Hoje eu posso relatar e narrar minha história, a forma que as instituições me impactaram e como me impressionei com a vida, a vulnerabilidade frente minha trajetória. Ao ter oportunidade de relatar o que ocorreu comigo e propor uma formação pela reflexão autobiográfica, me isento de ter uma única história sobre o que é a vida dos pobres e negros no “mundo dos homens”, onde o comum é o olhar arrogante ou o sentimento de pena e piedade. O que me impressiona é que alguns não percebem que é possível outra história, outras possibilidades de ver uma família. Nessa única história, não existe a possibilidade dos pobres e negros terem oportunidades para a igualdade.

Pelas minhas experiências pude compreender uma sociedade injusta e desigual. Percebo que se não tivesse vivido no meio desse contexto de vulnerabilidade, talvez não teria a consciência do potencial que há numa criança pobre, que os que são perseguidos pela injustiça, se tivessem oportunidade, seriam capazes de falar por si mesmos. Não conseguiria perceber que não há só guerras sem sentido pelo tráfico dentro das favelas, há pessoas que vivem em harmonia, numa vida comunitária e há esperança. Não perceberia que mesmo dentro da miséria pode nascer um Beethoven ou a árvore de um docente, e talvez percebesse os desiguais da mesma forma que a mídia propaga. Na verdade, o que falta nas favelas são políticas públicas que possibilitem que as pessoas que ali habitam sejam ouvidas e possam fazer suas escolhas.

Visualizo a trajetória da vida como atravessar uma ponte, para uns, a travessia é mais fácil, para outros, esse mesmo percurso tem enormes crateras, buracos perigosos que atrasam a chegada ao outro lado. Ainda há outros que não conseguem superar as dificuldades e se perdem no meio da travessia e não conseguem chegar ao outro lado. Conforme Dubet (2008; 2009) e Rawls (2003), quando a sociedade distribui os bens de forma equitativa, incentivando políticas educacionais e sociais para que todos detenham o conhecimento comum necessário, é possível ultrapassar os obstáculos e a vida é melhor de ser vivida, pois se garante a autoestima e a dignidade a partir de uma trajetória escolar e social menos conturbada. Entretanto, a sociedade e instituições como a escola impossibilitam o acesso de oportunidades e marginaliza cada vez mais aqueles que já são excluídos ao não proporcionar condições equitativas suficientes. Mediante o cenário social atual, em que muitas famílias não são mais constituídas no formato tradicional, mas são multifacetadas e não correspondem à família ideal projetada pela escola, é necessária uma ressignificação da prática do educador, em que ele atue com práticas sociais educativas e equitativas que contemplem as classes populares.

Quando iniciei meu trabalho docente, vi e senti a realidade dos docentes e discentes. Percebo sofrimento de ambos os lados. Tomei consciência de como minha trajetória influi na postura que tenho frente aos alunos e famílias. Lembro-me de educadores que faziam juízo a meu respeito e à minha família quando eu era aluno. Hoje fujo dessa postura. Portanto, antes de julgar o aluno e sua família, procuro compreendê-los, na tentativa de olharmos juntos para a mesma direção. Continuamente cuido para não cair na vala comum. Procuro aproximar a minha prática cotidiana da realidade dos alunos. Uma aproximação com cuidado de não incorporar meus ideais e valores ao outro. Sigo frente uma “terceira margem do rio⁷”. Guimarães Rosa narra a história de um homem que decide se isolar em uma canoa no meio do rio. Diversas são as tentativas de seus familiares de dialogarem com esse homem e convencê-lo em retornar. Sobretudo seu filho busca uma terceira margem do rio, em que seria possível aproximar-se e finalmente saber o motivo do isolamento e tristeza seu pai. “Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais” (ROSA, 2001, p.50).

Guimarães Rosa nos leva a indagar e tentar uma aproximação à terceira margem do rio, que comparo à condição escolar. No nosso conhecimento conseguimos nos

⁷ Metáfora da viagem, da descoberta escrita por Guimarães Rosa.

movimentar com tranquilidade entre a primeira e a segunda margem, entretanto, o autor propõe uma terceira margem a ser indagada ou definida. Por meio do discurso do texto é possível perceber o distanciamento entre pai e filho, além da busca constante do filho em tentar uma reaproximação com o pai. A partir dessa narrativa, faço uma reflexão como docente e comparo as estratégias do filho com a necessidade da escola tentar aproximar-se da realidade do aluno.

Ensinar música foi onde achei o meu lugar, foi o caminho do empoderamento, assim, no meu caso, a sala de aula ensinando música e arte é um dos lugares onde a felicidade, equidade e justiça são possíveis. É junto das crianças da periferia em escolas com baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) que busco uma possível igualdade, é ali que as histórias se cruzam e atravessam a minha trajetória, nunca mais saí desse lugar. Sou aquele pequeno caroço de manga que vingou e se tornou uma frutífera mangueira. Quando a terra é afogada e desde que haja condições propícias, tudo pode ser melhor. Assim me questiono: Como descobrir talento para música em uma escola que não oferece instrumentos musicais? Como descobrir talentos para o esporte em uma instituição que não oferece uma quadra de esportes e outras ferramentas necessárias? Como descobrir talentos para pensamento crítico e reflexivo em uma escola que não oferece aulas de Filosofia, História e Sociologia? A reflexão que faço é que existe um lugar para todos independentemente dos cruzamentos e entrelaçamentos da vida, a partir de oportunidades serem oferecidas a todos equitativamente, possibilitando a crianças, jovens e adultos buscarem se devolver para o mundo dos homens.

Quando tomo consciência do papel do educador, penso justapostamente e reflexivamente ao texto do escritor uruguaio Eduardo Galeano denominado “A função da arte/1”, publicado em seu *O Livro dos Abraços* (1989).

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: Me ajuda a olhar! (GALEANO, 1989, p.15).

Ao ler esse texto reflito o significado da função do educador que é o compromisso de ajudar meninos e meninas a encontrarem proximidade com seu mundo, não deixando que vaguem pelos corredores das instituições sem encontrar sentido e

valor na vida, na educação, proporcionando um diálogo com as disciplinas, afastando os saberes da sua incomunicabilidade.

Para isso, as disciplinas científicas não poderiam ser mais territórios isolados, produtores de saberes incomunicáveis, guiados por regras e éticas próprias. Era necessária uma ligação mais explícita e coerente com o contexto, e isso seria possível caso houvesse diálogo entre as disciplinas científicas e entre elas e outras formas de conhecimento, como a Arte, Filosofia, Religião e Tradição (FURLANETTO, 2014, p.60).

No texto, o menino ao pedir “Me ajude a olhar!”, me faz pensar na responsabilidade do educador de não deixar que gerações de crianças e adolescentes se percam em um mundo que cotidianamente parece menos seu. O compromisso não de ensinar como é o mar, mas sim de juntos descobrirem e se propiciarem desse mar. Quando uma criança pede para o professor “Me ajude a olhar!”, reconhece a necessidade de ir além, de mirar outras possibilidades, numa relação de parceria e amizade com o educador.

Quiçá educadores percebam a importância e prazer de levar alunos a descobrirem novas fronteiras, novos oceanos, superar em conjunto obstáculos, dunas e areias, uma descoberta da reinvenção, ressignificação, reapropriação e empoderação da vida!

Ainda em Eduardo Galeano, no *Livro dos Abraços*, em sua “Celebração das contradições/2”:

[...] Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia. Nessa fé, fugitiva, eu creio. Para mim, é a única fé digna de confiança, porque é parecida com o bicho humano, fodido mas sagrado, e à louca aventura de viver no mundo (GALEANO, 1989, p.123).

Entro em concordância com o educador Tião Rocha (1991) que baseando Paulo Freire (1996) e Eduardo Galeano diz: “cada promessa é uma ameaça; cada perda, um encontro. Dos medos nascem as coragens; e das dúvidas, as certezas. Os sonhos anunciam outra realidade possível e os delírios, outra razão” (1991, s/n).

A partir das minhas vivências e experiências faço uma reflexão que é: como a escola pode ser transformadora? A escola ao quebrar a função reprodutivista priorizando a função educativa se constitui em um espaço de vantagem na luta para que cidadãos consigam buscar conhecimento criticamente. Mesmo inserida numa sociedade que prega a igualdade, mas produz a desigualdade, ainda sim, essa

instituição pode ser considerada como uma luz no meio da escuridão. Não como redentora ou a única fonte suprema de possibilidade de equidade, mas como possibilidade de em comunhão resultar o ser da transformação, por meio de uma concepção humanista e libertadora.

Uma escola que aprenda o outro, superando uma concepção bancária e seguindo em direção a uma concepção humanista e libertadora, onde o professor seja um facilitador para o aluno, ambos caminhando em comunhão, sem manipulação, assim, esse ser de transformação poderá receber o conhecimento que quer saber de verdade, um conhecimento sem a intenção da domesticação do homem. Uma “escola de espantos” provocadora e incentivadora, que escute os anseios dos alunos e não ensine somente coisas, mas sim uma instituição e professor que ensinem a pensar e produzam curiosidades. O educador Rubem Alves enfatiza que “a missão do professor é provocar a inteligência, é provocar o espanto, é provocar a curiosidade”. O homem é um ser em busca permanente, por isso requer uma educação que aproxime os mundos e provoque curiosidade. Assim, poderá perceber o que as crianças e jovens querem saber de verdade. A cantora Marisa Monte interpreta uma canção de Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown que expressa esse ser da busca permanente.

*Vai sem direção vai ser livre
A tristeza não, não resiste
Solte seus cabelos ao vento não olhe pra trás
Ouçã o barulhinho que o tempo no seu peito faz
Faça sua dor dançar,
atenção para escutar esse movimento que traz paz
cada folha que cair, cada nuvem que passar
Ouve a terra respirar pelas portas e janelas das casas
Atenção para escutar o que você quer saber de verdade [...]*

(O Que Você Quer Saber de Verdade, Marisa Monte, 2011).

Ao concluir este trabalho, consigo perceber que ao retornar à minha biografia tomo consciência não mais como um espectador, mas como autor da minha história. Durante o percurso desse documentário tive a experiência da escuta sensível, dar voz a

outros. Por meio desses diálogos, aprofundei minha concepção de emancipação, que é a capacidade do homem admirar, operar e transformar o mundo, não apenas nele, mas com ele.

A possibilidade de admirar o mundo implica em estar não apenas nele, mas com ele; consiste em estar aberto ao mundo, captá-lo e compreendê-lo; é atuar de acordo com suas finalidades a fim de transformá-lo. Não é simplesmente responder a estímulos, porém algo mais: é responder a desafios. As respostas do homem aos desafios do mundo, através das quais vai modificando esse mundo, impregnando-o com o seu “espírito”, mas do que um puro fazer, são quefazeres que contêm inseparavelmente ação e reflexão (FREIRE, 1967, p. 38).

No percurso do Mestrado Profissional fui despertado a narrar experiências que estavam silenciadas. Ao relatar e narrar, fui conduzido para uma reflexão crítica sobre eu próprio, a escola, os atores educacionais e suas práticas. Esse movimento trouxe uma autorreflexão que causou uma autoformação e, ao pensar sobre mim, culminou em uma prática libertadora no meu cotidiano. Para Josso (1999):

O relato de experiência serve de base a um inventário de capacidades e competências e se traduz em um “portfólio” que ficará como um recurso que a pessoa poderá utilizar tanto em um contexto de emprego quanto em um contexto de formação (JOSSO, 1999, p.19).

A tomada de consciência no trajeto desse trabalho me levou para a conscientização que o humano é um ser de transformação com várias dimensões. A dimensão emocional e afetiva foi o lugar fundamental na minha história, assim, minha prática foi ressignificada. Estar atento à dimensão emocional das crianças e lutar para que a escola seja o lugar do prazer e da felicidade têm sido a minha oração, e quando a sombra da máquina de entortar homens que “coisifica” os alunos se aproxima dos meus dias, volto para dentro de mim e caminho para o lugar que estou salvo, que é o lugar de sonhar o mundo dos homens com mais equidade e menos violência. Um mundo de justiça e esperança, onde dar a mão ao próximo e caminhar em comunhão, paz e fraternidade como as crianças que precisam que as guie seja o lugar que nos salvará.

*Eu rezo que você seja nossos olhos, e nos assiste onde nós vamos
E nos ajudar a sermos sábios, em tempos quando nós não sabemos
Deixe isto ser nossa oração, quando nós nos perdermos*

Nos conduza para um lugar, nos guie com a sua graça
Para um lugar onde nós estaremos seguros[...]
[...]Dê-nos a fé, então vamos estar seguro
Sonhamos com um mundo sem violência
Um mundo de justiça e de esperança
Todo mundo dá a mão ao seu vizinho
Um símbolo de paz e fraternidade[...]
[...]Que esta seja a nossa oração
Assim como todas as crianças
Precisa encontrar um lugar, nos guie com sua graça[...]

(Andrea Bocelli e Katharine Mephee, *Oração*, 1999).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Antônio de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERKENBROCK-ROSITO M.M. *Interdisciplinaridade: Uma epistemologia de fronteiras*. Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade políticas e práticas de formação de professores. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

BOURDIEU, P. Espaço social e espaço simbólico. In: *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.

_____. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. (Orgs.). *Escritos de educação*. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei n.9.394, de 20 de dez. de 1996. Brasília, DF: Senado, 1996.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado, 2014. Disponível em: <<http://www.presidencia.gov.br>>. Acesso em: 10 maio. 2017.

CARRAHER, T.; SCHLIEMAN, A. Fracasso escolar: uma questão social. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 45, p. 3-19, mai.1983.

CHARLOT, B. A construção social da noção de fracasso escolar: do objeto sociomediático ao objeto da pesquisa. In: ARROYO, M. G.;

ABRAMOWICZ, A. (Orgs.) *A reconfiguração da escola*. Campinas: Papyrus, 2009.

CYRULNIK, B. *Os patinhos feios*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CUNHA, L.A. *Educação e desenvolvimento sócial no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1981.

DOMINICÉ, P. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

DUBET, F. A escola e a exclusão. Trad. Neide Luiza de Rezende. *Cadernos de Pesquisa*, nº. 119, p. 29-45, julho/2008.

FAO. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. Disponível em: <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,4792836,00.html>>. Acesso em: ago.2017.

FREIRE, P. Introdução. In: SNYDERS, G. *Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 (Coleção leitura).

FREITAS, L. A. Internalização da exclusão. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 80, p. 299-325, 2002.

FURLANETTO, E.C. *Como nasce um professor: Uma reflexão sobre o processo de individuação e formação*. São Paulo. Editora Paulus, 2003.

GALEANO, E. *O Livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

INEP. Situação da educação Básica no Brasil / Organização: Maria Helena Guimarães Castro, Áurea Maria Queiroz Davanzo. Brasília. 1999.

JESUS, C.M. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo.:Ática, 2014.

JOSSO, M.C. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 25 n.2.jul./dez.1999.

_____. *Caminhar para si*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n.19, p.21, 2002.

LOUZANO, P. Fracasso escolar: evolução das oportunidades educacionais de estudantes de diferentes grupos raciais. *Cadernos Cenpec*.São Paulo, v.3, n.1, p. 111-133,/jun.2013.

MONÇÃO, M.A. G. *Gestão democrática na educação infantil: o compartilhamento da educação da criança pequena*. 2013. Tese (doutorado em educação) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.

NIETZSCHE, F.W. *Assim falou Zaratustra*. Disponível em:

<http://pt.wikisource.org/wiki/Assim_falou_Zaratustra>Acesso em: set. 2017.

NÓVOA, A. Os professores e as Histórias da sua vida. In: NÓVOA. A. (org.). *Vidas de professores*. Portugal: Porto Editora, 1992.

OECD, *PISA 2015 Results: Students' Well-Being*. PISA, Volume III. Paris: OCDE Publishing, 2017.

OLIVEIRA, Dimas C. *Marx e o Despontar do Socialismo*. São Paulo: Discovery, 2015.

PARO, V.H. Estrutura da escola e prática educacional democrática. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30, 2007.

PASSEGGI, M.C. A experiência em formação. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 149, maio/ago. 2011.

_____; SOUZA, E.C.; VICENTINI, P.P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, abril, 2011,.

PATTO, M. H.S. *Produção do fracasso escolar*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

_____. Para uma crítica da razão psicométrica. *Revista de Psicologia USP*. São Paulo, v. 8, n. 1, p. 47-62, 1997.

PORTAL BRASIL. *Violência doméstica é a causa de dois terços das denúncias de agressões contra a mulher*. <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/11/violencia-domestica-e-causa-de-dois-tercos-das-denuncias-de-agressoes-contra-a-mulher>>. Acesso em: jan. 2018.

RAWLS, J. *Justiça como equidade: uma reformulação*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

RIBEIRO, D.F.; ANDRADE, A. dos S.A assimetria na relação entre famílias e escola pública. *Paidéia, Ribeirão Preto*, v. 16, n. 35, p. 386, jan.2006.

RIBEIRO, S.C. A pedagogia da repetência. *Revista de Estudos Avançados* .São Paulo, v.5n.12 mai/ago.1991.

RIBEIRO, V.M. Igualdade de base: fundamentos de um princípio de justiça para políticas de Educação Básica. II JORNADAS LATINOAMERICANAS DE ESTUDIOS EPISTEMOLÓGICOS EM POLÍTICA EDUCATIVA. Curitiba, p.28, ago. 2014.

_____. Que princípio de justiça para a educação básica? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo v.44, n. 154, 2015.

ROCHA, A. Contribuição das revisões de pesquisa internacionais ao tema evasão e repetência no primeiro grau. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 45, p. 57-65, 1983.

ROSA, J.G. *Primeiras histórias*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SAINT-EXUPÉRY, A. *Terra dos homens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *Encontro com Milton Santos*. Caliban Produções Cinematográficas. Direção de Silvio Tendler, DVD (89 min.) 2006.

SARTI, C.A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SARTRE, J.P. *Saint Genet: comédien et martyr*. Paris: Gallimard, 1952.

XAVIER, I. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

DISCOGRAFIA

ANTUNES, Arnaldo; BROWN, Carlinhos. O Que Você Quer Saber De Verdade. In: Marisa Monte, O Que Você Quer Saber De Verdade. Rio de Janeiro: Gravadora EMI-Phonomotor, 2011. 1 CD. Faixa 1.

FOSTER, David; BAYER, Carlote; TESTA, Alberto e TONY, Renis. The Prayer In: Andréa Bocelli Sogno. EUA, Miami: Gravadora Criteria Studios, 1998. 1 CD. Faixa 1.

GONZAGA, Luiz. ABC do Sertão. In: Luiz Gonzaga & Fagner. São Paulo: Gravadora RCA, 1988. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 1.

LENINE, Osvaldo M. Pimentel; FALCÃO, Dudu. Paciência. In: Na Pressão. Rio de Janeiro: Gravadora Sony BMG, 1999. 1 CD. Faixa 03.

LINS, Ivan. Novo Tempo. In: Novo Tempo. São Paulo: Gravadora EMI-Odeon, 1980. 1 CD. Faixa 14.

MC's, Racionais. Negro Drama. In: Nada como um Dia após o outro Dia. São Paulo: Gravadora Cosa Nostra Fonográfica CD, 2002. 1 CD. Faixa 05.

OLIVEIRA, Leandro. Mãe. In: Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa. Emicida. São Paulo: Gravadora Laboratório Fantasma, sob licença da Sony Music 2015. 1 CD. Faixa 1.

RAMALHO, Zé. Meninos do Sertão. In: Nação Nordestina. Rio de Janeiro: Gravadora BMG, 2000. 1 CD. Faixa 8.

CRONOGRAMA DE GRAVAÇÃO E EDIÇÃO DE DOCUMENTÁRIO

	2017												2018						
	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	ABR	MAR	FEV	JAN	EDIÇÃO FINAL	
ENTREVISTAS	27 - Oséas - Lourdes - Yasmim	17 - Totó - Alcides	22 Tio Dete	26 - Ana - Juliana - Lisandra - Tio Zé		28 Rubens (Narração)	30 - Giovana - Stefanie	04 Professora Vanda											
CAMERA E SOM	06																		
REUNIÃO GERAL	03																		
DEFINIÇÃO DE LOCAÇÃO	03 A 06																		
FECHAMENTO DA EQUIPE	20																		
PLANO DE FILMAGEM	20																		
FILMAGEM	27	17	22	26		28	30	04				01 A 08							
COMPOSIÇÃO E TRILHA SONORA					20														
ESTÚDIO					16	21		09	27	19	09								
EDIÇÃO							29		31										

VÍDEO DOCUMENTÁRIO

Este Link mostra o resultado final do documentário: <https://youtu.be/HOOSFsB3I9c>